

**Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa
dedicados a Plotino e ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia.
Parte II: Elenco de autores e títulos.**

Luciana Gabriela Soares Santoprete,
Loraine Oliveira
e Emmannuela Freitas de Caldas ¹

Apresentação

1. Metodologia

Procura-se, com este trabalho, dar a maior cobertura possível aos textos sobre Neoplatonismo Antigo escritos em língua portuguesa, tendo sido pesquisados materiais em diversas bibliotecas do país e também em inúmeros sites de referência². Não sendo possível o levantamento de toda informação diretamente pela fonte primária, levou-se em consideração os currículos Lattes dos profissionais envolvidos na produção de material sobre o assunto como fonte secundária para a compilação da bibliografia.

Este repertório bibliográfico é composto por referências bibliográficas de livros, capítulos de livros, artigos de periódicos, teses e dissertações – optou-se por descartar as monografias e anais de congressos por seu caráter

¹Luciana Gabriela Soares Santoprete (École Pratique des Hautes Études, Paris), Loraine Oliveira (Universidade de Brasília, Filosofia). Contamos com a preciosa colaboração de Emmannuela Freitas de Caldas (Universidade de Brasília, Biblioteconomia), que estava preparando sua monografia de Conclusão de Curso, tendo por objeto a importância e a estruturação de bibliografias como fonte secundária de pesquisa. No âmbito desta, a partir de seus conhecimentos na área de Biblioteconomia, ela realizou estudo de caso sobre o presente *Repertório*, tendo colaborado no período de agosto a novembro de 2010, na organização formal e na revisão final deste trabalho iniciado em 2003. Nesta Parte II do *Repertório*, E. F. de Caldas nos brinda com uma nota metodológica na apresentação, onde explica os critérios por ela sugeridos, descrevendo a ordenação formal do *Repertório*. Em reconhecimento à sua participação nesta Parte II, decidimos oficializar sua colaboração, a incluindo como terceira colaboradora.

² Além daquelas bibliotecas já citadas por Soares Santoprete na Parte I, as principais bibliotecas universitárias utilizadas foram (indicamos por universidade): UFMG, FAJE, UFRGS, PUCRS, UNB. Dentre os sites, podemos mencionar especialmente: Portal de Periódicos Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugueses/index.jsp>), Banco de Teses Capes (<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>), Scielo – Scientific Electronic Library Online (<http://www.scielo.org/>), L'Année Philologique (<http://www.annee-philologique.com>), JSTOR - Journal Storage (<http://www.jstor.org/>), Plataforma Lattes CNPq (<http://lattes.cnpq.br>). Uma listagem completa de bibliotecas e sites será feita em versão posterior do Repertório.

de difícil acessibilidade. Dentre os livros, nota-se que se tratam normalmente de obras coletivas sobre Neoplatonismo e obras individuais, resultantes de teses e dissertações, ou do próprio interesse do pesquisador, encontrando-se nesta categoria comentários e traduções. Já os artigos apresentam-se como artigos publicados em periódicos científicos ou artigos publicados como capítulos de livros; em ambos encontram-se estudos e traduções. Quanto às teses e dissertações, nota-se que são constituídas por estudos de questões específicas em um texto ou cotejando diversos textos de um mesmo autor, estudos de questão específica comparando autores e traduções comentadas e anotadas de um ou mais textos de mesmo autor.

As referências encontram-se organizadas cronologicamente por ano de publicação e, em seguida, alfabeticamente por cabeçalhos de nome pessoal e título, respectivamente. Ao final do repertório bibliográfico, o leitor encontrará índices por cabeçalhos de autor antigo e assunto, que o auxiliarão na localização do material desejado. Acompanham as referências apenas os resumos dos documentos que já os possuíam, motivo pelo qual nem todas as referências apresentam resumo neste repertório. Nas referências bibliográficas de publicações traduzidas, optou-se por entrar pelo cabeçalho do nome do autor original da obra ao invés do cabeçalho no nome do tradutor, com exceção de teses e dissertações. Ademais, procurou-se redigir todas as referências bibliográficas de acordo com a norma vigente no país (NBR 6023) e, em casos omissos, aderiu-se à prática corrente em Ciências da Informação.

2. Análise de dados

Os estudos relativos ao Neoplatonismo Antigo, no Brasil, tiveram início muito recentemente, de modo mais preciso, nos anos 90 do século XX. Em Portugal, tais estudos despontam nos anos 60 do mesmo século, mas conforme o que conseguimos elencar até então, não é possível verificar se tiveram posteridade uniforme³.

³ Cabe notar que a pesquisa sobre as publicações portuguesas, realizada por Soares Santoprete (ver *Repertório, Parte I*), não incluiu teses e dissertações, mas tão somente

Deteremos-nos em analisar, nestas breves linhas, mais especificamente o caso brasileiro. A primeira publicação, de que se tem notícia, data do ano de 1991: *Nota sobre Plotino* (007), de João de Scantimburgo, artigo de duas páginas, publicado na *Revista Brasileira de Filosofia*. Três anos depois, em 1994, a revista *Teocomunicação* publica o que seria o primeiro de uma série de artigos sobre Plotino, de Reinholdo Aloysio Ullmann (009). No ano seguinte, 1995, Ullmann publica mais dois artigos, e em 1996, outros três, inéditos, e republica na *Revista Brasileira de Filosofia*, um artigo anterior, que viera à luz primeiro na revista *Veritas* (010 a 014). Dessas primeiras informações depreende-se que:

1. O primeiro autor Neoplatônico da Antiguidade a ser estudado em terras brasileiras foi Plotino.

2. Os primeiros periódicos brasileiros que publicaram tais estudos foram: *Revista Brasileira de Filosofia*, *Teocomunicação* e *Veritas*. Sendo estas duas últimas ligadas, respectivamente, ao departamento de Teologia da PUCRS e ao departamento de Filosofia da PUCRS, onde lecionava Ullmann.

3. Os primeiros estudiosos que publicaram artigos sobre Plotino foram João de Scantimburgo e Reinholdo Aloysio Ullmann. Enquanto o primeiro não parece ter se dedicado aos estudos sobre o Licopolitano, nem mesmo a outros autores Neoplatônicos, o segundo figura como o pioneiro que deu continuidade aos referidos estudos, sendo dele a autoria do primeiro livro publicado sobre Plotino no Brasil, em 2002 (059).

O ano de 1996, de fato, parece ter sido aquele em que os estudos Neoplatônicos da Antiguidade começaram a conquistar mais espaço no meio acadêmico brasileiro. Além dos quatro artigos já referidos de Ullmann, tem-se uma tradução de Boécio, *Sobre o Bem Supremo*, publicada na revista *Veritas* (012).

Em 1997, como se pode constatar no *Elenco de Autores e Títulos*, Plotino segue sendo estudado, despontando cinco artigos em periódicos brasileiros, um em periódico português e sendo defendidas, sobre este autor, as duas primeiras dissertações de Mestrado no Brasil, uma no Rio de Janeiro (018) e outra em Porto Alegre (019). No ano seguinte, 1988, mais três artigos

periódicos. Na *Parte II*, como se pode notar, foram incluídos livros. Trabalhos acadêmicos serão incluídos oportunamente, em fase posterior deste *Repertório*.

vêm a lume, e em 1999, sete artigos, sendo seis sobre Plotino no Brasil, e um sobre o Neoplatonismo na Filosofia Árabe, em Portugal (028). Neste ano também são defendidas a terceira e quarta dissertações de Mestrado sobre Plotino no Brasil: uma na Paraíba (026) e outra no Rio de Janeiro (027).

Nos anos seguintes, os estudos prosseguem e aumentam quantitativamente. Percebemos que surge, em 2000, uma dissertação de Mestrado sobre Boécio (037), além de mais uma dissertação sobre Plotino (034), ambas guardando uma característica comum: consistem em trabalhos de tradução, comentários e notas, o que já se verificava na dissertação 027, do ano anterior. No ano de 2000, ainda, notamos que é traduzido um opúsculo de Sinésio de Cirene (038), e em 2001 o primeiro artigo sobre Proclo é publicado no Brasil (047).

Ao longo desta primeira década do século XXI, nota-se crescente interesse por parte dos pesquisadores brasileiros pelo Neoplatonismo Antigo. Dentre aqueles que defenderam as primeiras dissertações, tem-se que a maioria (cinco dentre seis estudiosos) prosseguiu estudando o Neoplatonismo, e destes, quatro seguiram com o mesmo autor e apenas um não fez estudos doutorais em autor Neoplatônico da Antiguidade⁴. Além disso, a década é profícua em estudos sobre outros autores do mesmo escopo: por exemplo, a primeira tradução de um texto de Porfírio, *Isagoge*, é publicada em 2002 (056). Outros textos de Boécio e de Plotino seguem sendo traduzidos, no âmbito de dissertações de Mestrado, teses de Doutorado, artigos e livros⁵. Em 2005, é defendida a primeira tese de Doutorado, do tipo comentário, sobre Plotino (080), e a segunda tese, de tipo semelhante, sobre Boécio (084). Entre 2006 e 2010, as quatro teses seguintes, totalizando seis teses no Brasil, nestes cerca de vinte anos de estudos sobre o Neoplatonismo Antigo. Estas teses são dos seguintes tipos: uma tradução, direto do texto grego, das três primeiras *Enéadas* de Plotino (086), dois estudos do tipo comentário sobre Plotino (119 e 137), um sobre Boécio (132) e um estudo comparado, sobre Plotino, Jâmblico e Damáscio (142).

⁴ As referências das primeiras dissertações são: 018, 019, 026, 027, 034, 037. O autor referido em 018 não é mencionado em mais nenhuma ocorrência do *Elenco*, sugerindo que não prosseguiu nos estudos Neoplatônicos Antigos. Os autores dos outros números figuram em diversas entradas do *Elenco*, sendo que o único a não ter escrito tese de Doutorado sobre autor Neoplatônico Antigo encontra-se citado em 026.

⁵ Ver o *Índice por Autores Antigos*.

Ainda nesta década vemos um número considerável de artigos e livros. Além de Plotino, Porfírio, Proclo e Boécio, começam a conquistar interesse outros autores e outros textos. Ainda assim, basta comparar os autores e textos estudados (elencados nesta parte do *Repertório*), com os autores e títulos dos textos por autor Neoplatônico (vide *Repertório, Parte 1*) para se chegar à constatação de que os estudos lusófonos sobre o Neoplatonismo Antigo ainda se encontram em estado bastante inicial e lacunar.

Verificamos, neste *Elenco*, que de seus primeiros passos aos dias de hoje, os estudos sobre Neoplatonismo Antigo em língua portuguesa constam de 146 entradas. Por certo, temos ciência de que o *Elenco* merece ser ampliado, com informações que eventualmente tenham passado despercebidas. Além disso, ensejamos hospedá-lo em site próprio e atualizá-lo periodicamente.

Uma última observação concerne aos temas e autores do Neoplatonismo Antigo. Se os autores deste período ainda são pouco conhecidos e estudados no nosso meio acadêmico, algo semelhante pode-se dizer dos temas. Vemos no *Elenco* uma maioria de estudos sobre Plotino, seguidos quantitativamente por Boécio. Despontam aqui e ali estudos sobre Porfírio e Proclo. E só recentemente, Jâmblico e Damáscio. Ainda vimos uma ocorrência de Sinésio de Cirene. O que isso nos diz? Primeiramente, que o Neoplatonismo Antigo é ainda uma área da Filosofia Antiga a ser explorada e estudada no Brasil e nos demais países lusófonos. Sobretudo, sugere avançar nossas perspectivas em direção a outros autores, tendo a coragem e o empenho de superar as dificuldades de acesso às fontes, uma vez que quase tudo está por traduzir para o português. Logo, fica claro que também é um campo aberto aos estudantes de Grego Antigo, que ousarem se aventurar por caminhos ainda inusitados de tradução e comentário. Finalmente, se para além dos autores, mirarmos os temas, veremos que a “estética” e a “mística” ocuparam predominantemente os estudiosos nesses últimos 20 anos. São realmente pouquíssimo numerosos os estudos que se voltam para outros temas, e bastante recentes, datando, sobretudo, da última década. Logo, a segunda sugestão deste *Elenco*, especialmente aos nossos iniciantes, é que leiam os Neoplatônicos com olhos novos. Aqui, à dificuldade de acesso às fontes primárias em Grego Antigo, se juntará uma outra: o acesso aos estudos,

comentários e traduções em línguas modernas que não o português. Mas que isso não desestimule ninguém, pelo contrário. Pois quem desbravar estes caminhos, superando tais limitações iniciais, certamente terá muito a contribuir para os estudos Antigos, de modo geral, e Neoplatônicos, de maneira específica, em língua portuguesa.

Loraine Oliveira e Emmanuela Freitas de Caldas

Catálogo de autores e títulos.

1964

001 DIAS, Arnaldo de Pinho. A *Isagoge* de Porfírio e a lógica conimbricense. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, v. 20, p. 108-130, 1964.

1965

002 CUNHA, Maria Helena Ribeiro. O neoplatonismo amoroso na Ode VI. *Revista Camoniana*, v. 2, p. 116-128, 1965. ISSN 0103-3239.

003 GOMES, Joaquim Ferreira. Pedro da Fonseca e a *Isagoge* de Porfírio. *Broteria*, Lisboa, n. 81, p. 180-186, 1965.

1978

004 HARLAND, Michael. Plotino e Jung na obra de Guimarães Rosa – I. *Revista Colóquio/Letras*, n. 46, p. 28-35, 1978.

1979

005 HARLAND, Michael. Plotino e Jung na obra de Guimarães Rosa – II. *Revista Colóquio/Letras*, n. 49, p. 20-33, 1979.

1991

006 BRUN, Jean. **O neoplatonismo**. Tradução José Freire Colaço. Lisboa: Edições 70, 1991. (Coleção Biblioteca Básica de Filosofia). Tradução de: Le Néoplatonisme. Paris: PUF, 1988. (Coleção Que sais-je?)

Tradicionalmente damos o nome de Neoplatonismo ao movimento filosófico de língua grega que se estende cronologicamente desde a primeira metade do século II até ao decreto pelo qual Justiniano fechou a escola de Atenas em 529. Aqui se expõem as linhas fundamentais da filosofia de Plotino, na sua vertente contemplativa e mística e na sua interação com o Cristianismo. (resumo da contracapa)

007 SCANTIMBURGO, João de. Nota sobre Plotino. *Revista Brasileira de Filosofia*, v. 39, n. 163, p. 214-216, 1991. ISSN 0034-7205.

1992

008 MACEDO, José Costa. Do sagrado em Plotino e Santo Agostinho. **Mediaevalia**, Porto, n. 2, p. 35-67, 1992. ISSN 0872-0991. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20090/2/costamacedosagrado000082755.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2010.

1994

009 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino: pagão, panenteísta, místico. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 24, n. 106, p. 685-690, 1994. ISSN 0103-314X.

1995

010 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. A processão em Plotino. **Veritas**, Porto Alegre, v. 40, n. 158, p. 157-164, 1995. ISSN 1984-6746.

011 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino: o retorno ao Uno. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo, v. 42, n. 179, p. 285-299, 1995. ISSN 0034-7205.

1996

012 BOÉCIO. **Sobre o Bem Supremo**. Tradução Luis Alberto de Boni. **Veritas**, v. 41, n. 163, p. 559-563, 1996. ISSN 1984-6746.

013 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. A escatologia em Platão e Plotino. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 26, n. 114, p. 531-548, 1996. ISSN 0103-314X.

014 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. A processão em Plotino. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo, v. 43, f. 183, p. 280-291, 1996. ISSN 0034-7205.

015 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. O mito nas *Enéadas* de Plotino. **Veritas**, Porto Alegre, v. 41, p. 383-389, 1996. ISSN 1984-6746.

016 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino e os gnósticos. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 26, n. 111, p. 121-143, 1996. ISSN 0103-314X.

1997

017 CHAIMOVICH, Felipe Soeiro. A filosofia na trilha do belo: Platão, Plotino e a autenticidade estética. **Discurso**, São Paulo, n. 28, p. 61-87,

1997. ISSN 0103-328x. Disponível em:
<http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discursos/pdf/D28_A_filosofia_na_trilha_do_belo.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010.

A estética apresenta-se como uma via peculiar de acesso à realidade na filosofia de Platão, passando para a filosofia de Plotino como a via privilegiada. A relação entre o Belo e o método filosófico revela, em ambos os autores, a presença das Idéias no mundo em que vive o filósofo.

018 HRYNIEWICZ, Severo. **A ética da autosalvação em Plotino**. 1997. 166 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1997.

O presente trabalho tem a intenção de fazer uma reflexão sobre a ética da interioridade desenvolvida por Plotino. A ética plotiniana se fundamenta em claras bases metafísicas e se caracteriza por atribuir à racionalidade a função de redenção humana. Entende que toda ética deve partir de um convencimento pessoal sobre a validade de certos valores. Neste aspecto é uma ética da subjetividade. Os valores propostos por Plotino são os de ordem espiritual. Tal visão dos valores acaba por menosprezar as dimensões corpórea e social. A sua compreensão da supremacia dos valores espirituais é aceita na perspectiva cristã, enquanto a função redentora da racionalidade é menosprezada. A atualidade do ensinamento plotiniano consiste sobretudo na ênfase que Plotino dá ao convencimento individual à cerca da irrecusabilidade de certos valores de uma ética social. (resumo do autor)

019 OLIVEIRA, Loraine. **O belo no mundo sensível na filosofia de Plotino**. 1997. 101 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

Este trabalho visa investigar como o Belo se manifesta no mundo sensível, na filosofia de Plotino. A questão é abordada do ponto de vista da enformação da matéria, já que o mundo sensível é um composto de Forma e matéria. Perguntamos como a Forma, que é o Belo, pode estar na matéria, que é feia. Para chegar a esta pergunta, contudo, é necessário percorrer os principais tópicos da metafísica de Plotino, averiguando de que modo surge o mundo sensível, e de onde vem o Belo. Assim, tratamos do Uno, da Inteligência, da Alma, que são os três principais elementos do mundo inteligível. A partir destes, podemos entender o que é mundo inteligível e saber que é de lá que vêm o Belo e a Forma. A seguir, analisamos a Forma, verificando sua relação com a Inteligência, com a Alma e com o Belo. Então passaremos à análise da matéria, verificando suas principais características, e o modo como se relaciona com a Forma. Veremos que a enformação é o reflexo da Forma na matéria. A matéria reflete a Forma a obscurecendo, e esta

interfere na matéria encobrendo suas características. Desse modo, o Belo oculta o feio, não impedindo contudo que esteja presente. Ademais, é fundamental percebermos que a Forma sem a matéria não poderia manifestar-se no mundo sensível, assim como a matéria sem a Forma também não o poderia. Portanto, o sensível é o resultado de uma união de opostos. Contudo, Plotino diz que na arte a possibilidade de manifestação do Belo é maior do que na natureza, uma vez que o artista, contemplando o Belo inteligível, é capaz de corrigir as imperfeições da natureza. Uma questão fundamental para a filosofia de Plotino, a teoria da processão, é desenvolvida ao longo dos capítulos. Essa teoria trata do modo como as coisas procedem uma da outra a partir do Uno. Assim, deste vem a Inteligência, seguida pela Alma, da qual procede o mundo sensível. Mas, tudo tendo parte no Uno, tudo pode retornar a ele, por meio da contemplação. Esse retorno é chamado conversão. O Belo é um meio de conversão. O homem que vê o Belo no mundo sensível, e através desse descobre o Belo do inteligível, é tomado por uma emoção e um amor tais, que purifica sua alma, na tentativa de tornar-se Belo. Assim, a experiência estética é também uma experiência mística, e a visão do Belo, a partir do amor pelo Belo visto no mundo sensível, é prova irrefutável de que, apesar da feiúra da matéria, o Belo se manifesta no mundo sensível. (resumo do autor)

020 REIS, José. O Tempo em Plotino. **Revista Filosófica de Coimbra**, Coimbra, v. 6, n. 12, p. 381-439, 1997. ISSN 0872-0851.

021 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino na história. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 27, n. 117, p. 359-379, 1997. ISSN 0103-314X.

1998

022 NOGUEIRA, Maria Simone Cabral Marinho. Considerações sobre o belo em Plotino. **Phoênix**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 371-387, 1998. ISSN 1413-5787.

023 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. A ética em Plotino. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 28, n. 119, p. 129-134, 1998. ISSN: 0103-314X.

024 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. O conhecimento em Plotino. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 28, n. 121, p. 413-431, 1998. ISSN: 0103-314X.

1999

025 COSTA, Marcos Roberto Nunes. O uno e o múltiplo na cosmologia de Plotino. **Symposium**, Recife, v. 1, p. 12-24, dez. 1999. Edição especial.

Tentando superar o dualismo grego entre mundo inteligível e mundo sensível, Plotino, neoplatônico, propõe um monismo radical em que há uma passagem natural de um mundo ao outro por emanações ou processões. Assim, vê-se que apesar de um aparente dualismo, quando fala, num primeiro momento, das três hipóstases inteligíveis: o Uno, a Inteligência e a Alma do mundo e, depois, do mundo sensível; este é a última emanação do Uno, e a multiplicidade dos seres surgem a partir atuação da Alma do mundo sobre a matéria. (resumo do autor)

026 NOGUEIRA, Maria Simone Cabral Marinho. **A união mística em Plotino: o retorno ao Uno.** 1999. 110 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

Levando-se em consideração a importância do retorno na Filosofia de Plotino e procurando compreender, ou melhor, circunscrever esta importância no âmbito da unidade, este trabalho procura mostrar a relação existente entre o retorno e a unidade, refletindo sobre a necessidade de uma não dualidade no êxtase místico. Procura também, na medida do possível, repensar esta relação, mostrando que a mesma não é solipsista, mas que representa um autoconhecimento necessário na busca de um melhor relacionamento com o mundo e com os outros. (resumo do autor)

027 SOARES, Luciana Gabriela Eiras Coelho. **Acerca da Beleza Inteligível: *Peri tou Noetou Kallous*.** Tradução, comentários e notas da obra de Plotino, *Enéada* V, 8 [31]. 1999. 161 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

Esta dissertação apresenta a primeira tradução direta do grego e em língua portuguesa do *Tratado 31* de Plotino. Esta tradução é acompanhada do texto grego da edição crítica da *Editio Minor* de P. Henry e H.-R. Schwyzer, à partir da qual ela foi realizada, de notas explicativas de cunho filológico e filosófico, assim como de um comentário detalhado do tratado. Neste são analisados : 1. a identificação da noção de belo/beleza à natureza do segundo princípio da realidade, isto é, o Intellecto; 2. as razões pelas quais a beleza inteligível constitui uma etapa fundamental no processo de ascensão da alma até o Princípio Primeiro; 3. a relação entre esta abordagem da noção de belo/beleza e aquela apresentada anteriormente no *Tratado 1, Sobre o Belo (Enéada I, 6)*; 4. a estrutura argumentativa dos treze capítulos que integram o tratado e sua relação com os tratados que compõem a tetralogia antigônica da qual o *Tratado 31* constitui a segunda parte; 5. as influências platônicas das temáticas abordadas. O trabalho é ainda completado por uma extensa bibliografia. (resumo do autor)

- 028** SPINELLI, Miguel. Neoplatonismo e Aristotelismo da Filosofia Árabe Medieval. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v. 55, n. 1-2, p. 59-98, 1999.
- 029** ULLMANN, Reinholdo Aloysio. A escatologia em Platão e Plotino. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo, v. 44, n. 194, p. 211-231, 1999. ISSN 0034-7205.
- 030** ULLMANN, Reinholdo Aloysio. O Uno de Plotino é Deus. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 29, n. 126, p. 627-632, 1999. ISSN: 0103-314X.
- 031** ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino e o cristianismo. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 29, n. 124, p. 235-242, 1999. ISSN: 0103-314X.
- 032** ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino e o cristianismo. In: HACKMANN, Geraldo Luiz Borges (Org.). **Sub umbris fideliter: Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 363-371.
- 033** ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino e os gnósticos. **Hypnos**, São Paulo, n. 5, p. 188-209, 1999. ISSN 2177-5346.

2000

- 034** BARACAT JÚNIOR, José Carlos. **Enéada III. 8 [30]**: Sobre a natureza, a contemplação e o Uno. Introdução, tradução e comentário da obra de Plotino, *Enéada III.8 [30]*. 2000. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000252291>>. Acesso em: 30 ago. 2010.

Esta dissertação é composta pela tradução do tratado *Sobre a Natureza, a Contemplação e o Uno*, do filósofo neoplatônico Plotino, estudo introdutório sobre o filósofo e aspectos estilísticos e estruturais de sua obra, e comentário analítico. A influência, direta e indireta, de Plotino (c. 205-270 d.C.) sobre a cultura ocidental ainda não foi mapeada com precisão. Já se disse, talvez sem exagero, que ele foi o verdadeiro mestre não apenas dos filósofos medievais, mas também dos modernos. Embora se considerasse apenas um exegeta de Platão e dos antigos sábios, Plotino –que recebeu no século XIX a alcunha de Neoplatônico – construiu uma obra altamente original, em que a experiência espiritual é indissociável da racionalidade, e que raro deixa indiferente aquele que dela se aproxima. Seus escritos foram editados por Porfírio, seu discípulo e amigo, que os intitulou *Enéadas*, “novenas”, por tê-los organizado em seis grupos de nove tratados. O tratado *Sobre a natureza, a contemplação e o Uno*, o oitavo da terceira *Enéada*, dentre vários

célebres e de rica posteridade, é certamente um dos mais representativos da obra plotiniana. (resumo do autor)

- 035** GALINDO, Caetano Waldrigues. *De Futuris*: Plotino, Agostinho e o futuro românico. 2000. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

Sob a forma de um ensaio interpretativo, muito mais do que aquela que, estamos acostumados a considerar a apresentação e a construção usuais do texto científico, este texto tenta, em primeiro momento, aduzir uma leitura nova e a partir de um ponto de vista lingüístico, de dois dos mais importantes textos dos primórdios da filosofia do tempo: o sétimo tratado da terceira *Enéada* de Plotino, e o *Livro XI* das *Confissões* de Santo Agostinho. A finalidade do texto é apresentar os dois textos como dependentes e iluminadores um do outro e, assim conseguir retirar deles um conceito de tempo, e especialmente de futuro que possa ser útil na explicação de duas questões a respeito da representação verbal do futuro em português e romeno: a aparente necessidade de substituição contínua de formas que expressem a idéia de futuro, uma necessidade que parece se reportar mesmo a tempos pré-latinos, e a dúvida a respeito da modalidade envolvida em tais construções. (resumo do autor)

- 036** NOGUEIRA, Maria Simone Cabral Marinho. Considerações sobre a alma na *epistrophé* plotiniana. **Hodos**, Aracaju, v. 1, p. 25-34, 2000.

- 037** SAVIAN FILHO, Juvenal. **Os escritos teológicos de Boécio**: tradução, introdução e notas. 2000. 226 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

Este trabalho consiste, basicamente, na tradução em português dos escritos teológicos de Boécio (*De fide catholica, Contra Eutychem et Nestorium, De hebdomadibus, Vitrum Pater, De Trinitate*) e na composição de um texto introdutório à sua obra teológica em geral e a cada tratado em particular. Embora o termo teologia seja empregado por Boécio para designar uma das três partes do saber teórico, tal como faz Aristóteles no livro VI da *Metafísica*, seus escritos são ditos teológicos para indicar o seu propósito de dar razão da sua fé e falar coerentemente sobre Deus. Nesse sentido, os escritos teológicos de Boécio apresentam-se como resultado da aplicação sistemática, à inteligência da fé, do instrumental lógico de Aristóteles, sob influência do platonismo e, sobretudo, do neoplatonismo de Porfírio. (resumo do autor)

- 038** SINÉSIO DE CIRENE. **O elogio da calvície**. Introdução e tradução: João Batista Camilotto. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

- 039** SOARES, Luciana Gabriela Eiras Coelho. Exegese do tratado *Acerca da Beleza Inteligível* (V, 8 [31]) de Plotino. **Ciências Humanas**, Rio de

Este artigo apresenta um comentário detalhado do *Tratado 31* de Plotino onde são analisados: 1. a identificação da noção de belo/beleza à natureza do segundo princípio da realidade, isto é, o Intellecto; 2. as razões pelas quais a beleza inteligível constitui uma etapa fundamental no processo de ascensão da alma até o Princípio Primeiro; 3. a relação entre esta abordagem da noção de belo/beleza e aquela apresentada anteriormente no *Tratado 1, Sobre o Belo (Enéada I, 6)*; 4. a estrutura argumentativa dos treze capítulos que integram o tratado e sua relação com os tratados que compõem a tetralogia antignostica da qual o Tratado 31 constitui a segunda parte; 5. as influências platônicas das temáticas abordadas. Este comentário foi parte integrante da dissertação de mestrado intitulada *Acerca da Beleza Inteligível: Tradução e Comentário do Tratado Peritou Noetou Kallous. Enéada V, 8 [31] de Plotino*, defendida em 1999 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. (resumo do autor)

040 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. A estrutura do saber em Plotino. In: DE BONI, Luiz Alberto (Org.). **A ciência e a organização dos saberes na Idade Média**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 11-28.

2001

041 BAUCHWITZ, Oscar Federico (Org.). **O Neoplatonismo**. Natal: Argos, 2001.

042 COSTA, Marcos Roberto Nunes. Crítica agostiniana à visão negativa da natureza material no maniqueísmo e no neoplatonismo. **Nuevo Mundo**, Buenos Aires, v. 1, p. 51-68, 2001.

043 COSTA, Marcos Roberto Nunes. O problema da moral no sistema ontológico-natural de Plotino. **Studium**, Recife, n. 7-8, p. 140-151, 2001. ISSN 1518-0913.

044 LUPI, João Eduardo Pinto Bastos. A cosmologia de Plotino. In: Bauschwitz, O. F. (Org.). **O Neoplatonismo**. Natal: Argos, 2001. p. 183-190.

045 REIS, José. O Tempo de Platão a Plotino. **Revista de História das Idéias**, Coimbra, v. 22, p. 467-478, 2001.

046 SANTOS, Bento Silva. Plotino: uma perspectiva neoplatônica da estética. In: **Neoplatonismo**. Natal: Argos, 2001. p. 215-220.

O objetivo deste artigo tem em vista apresentar a novidade da estética do neoplatônico Plotino que, em sua obra principal – as *Enéadas* –, contestou a concepção tradicional, aceita geralmente na Grécia (especialmente por Platão e Aristóteles), segundo a qual a

beleza era definida como *symmetria*, expressando assim a convicção de que a beleza dependia da relação, da medida, da proporção matemática e do acordo entre as partes. Portanto, a teoria da beleza baseada no pressuposto das categorias da ordem, da simetria e da definição é rejeitada em favor de uma tese original: Plotino considera a beleza como um valor puramente inteligível, associado às noções de harmonia moral e de esplendor metafísico. Em suma: esboçamos a concepção neoplatônica de Plotino sobre o Belo como uma tese em aberta oposição aos cânones tradicionais da estética na filosofia grega. (resumo do autor)

047 TER REEGEN, Jan Gerard Joseph. Os elementos teológicos de Proclo. In: Oscar Frederico Bauchwitz. (Org.). **O Neoplatonismo**. Natal: Argos Editora, 2001. p. 267-286.

048 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. O Uno de Plotino é Deus. In: SULIANI, Antônio (Org.). **Etnias e carisma**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 958-962.

049 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. O Uno de Plotino é Deus. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo, v. 51, n. 204, p. 521-526, 2001.

050 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino: a relação entre o Uno e o mundo. **Nuevo Mundo**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 19-29, 2001.

051 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino e sua influência na história. In: BAUCHWITZ, Oscar Frederico (Org.). **O neoplatonismo**. Natal: Argos, 2001. p. 293-308.

2002

052 BARACAT JÚNIOR, José Carlos. Aspectos da contemplação plotiniana. **Phaos**, Campinas, n. 2, p. 5-32, 2002. ISSN: 1676-3076.

Os estudiosos costumam considerar a ousada e original doutrina plotiniana da contemplação produtiva como uma das principais características da processão da realidade a partir do Uno e de seu retorno a ele. Como uma característica principal, também se acredita – ou pelo menos ainda não se pôs em dúvida – que essa doutrina esteja presente em todos os tratados de Plotino da mesma maneira como está em *III. 8 [30]*, pois ele devia ter toda filosofia desenvolvida antes de começar a escrever seus tratados, uma vez que iniciou sua breve atividade literária tardiamente. Este artigo tentar mostrar que é difícil encontrar um traço dessa doutrina nos 29 tratados escritos por Plotino antes de seu *Sobre a Natureza, a Contemplação e o Uno*; e também que, contrariamente a *III. 8 [30]*, a contemplação nos tratados anteriores não é um ato ontogônico, a partir do qual um novo ente hierarquicamente inferior é produzido, mas antes uma situação estática em que um ente se compraz com a visão de um ente hierarquicamente superior. (resumo do autor)

053 CIRNE-LIMA, Carlos. Sobre o Uno e o múltiplo em Plotino. In: SOUZA, D. G. (Org.). In: **Amor scientiae: festschrift em homenagem a Reinholdo Aloysio Ullmann**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 79 -110.

054 LUPI, João Eduardo Pinto Bastos. O belo e o número: Plotino e Agostinho. In: SOUZA, D. G. (Org.). **Amor scientiae: festschrift em homenagem a Reinholdo Aloysio Ullmann**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 393-403.

055 NOGUEIRA, Maria Simone Cabral Marinho. Mística, linguagem e silêncio na filosofia de Plotino. **Mirabilia**, Campina Grande, n. 2, dez. 2002. ISSN 1676-5818. Disponível em: <<http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num2/plotino.html>>. Acesso em: 8 set. 2010.

Este artigo tem como objetivo destacar alguns aspectos importantes da experiência mística plotiniana, evidenciando, sobretudo, o problema da linguagem que aparece na Filosofia de Plotino como um termo limítrofe entre a necessidade de comunicar a respeito do Uno e entre a impossibilidade de fazê-lo. (resumo do autor)

056 PORFÍRIO DE TIRO. **Isagoge**: introdução às categorias de Aristóteles. Introdução, tradução e comentário Bento Silva Santos. São Paulo: Attar, 2002.

057 PUENTE, Fernando Eduardo de Barros Rey. O tempo e a alma em Plotino e Aristóteles. In: SOUZA, D. G. (Org.). In: **Amor scientiae: festschrift em homenagem a Reinholdo Aloysio Ullmann**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 245-270.

058 RAFFAELLI, Rafael. Imagem e *self* em Plotino e Jung: confluências. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 23-36, jan./abr. 2002. ISSN 0103-166X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a03.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2010.

São analisadas algumas confluências teóricas entre Plotino e Jung, tendo por base os conceitos de imagem e de *self* (si-mesmo). Plotino é considerado como o descobridor do inconsciente e suas idéias sobre a alma são uma referência básica para a história da psicologia e da psicanálise. Embora não seja habitualmente incluída entre as influências teóricas de Jung, a filosofia plotiniana possui diversos pontos em comum com a psicologia analítica. O conceito de imagem, de importância capital para a teoria junguiana, é altamente relevante em Plotino, o qual propõe uma psicologia do imaginário, quer dizer, um estudo da alma através das imagens. Em relação ao conceito de *self*, o próprio Jung destaca as intuições de Plotino nesse campo. Jung atribui também a Plotino a primeira formulação do conceito de *unus mundus* (mundo uno). (resumo do autor)

- 059** ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Plotino**: um estudo das *Enéadas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. v. 1. (Coleção Filosofia, 134)

2003

- 060** BAL, Gabriela. **O silêncio em Plotino**. 2003. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2003.

Este trabalho representa o esforço por encontrar no pensamento do filósofo neoplatônico Plotino (205-270) o Silêncio. Em seus escritos, as *Enéadas*, Plotino descreve com maestria as realidades inteligível e sensível. Sua tarefa é a condução em direção ao Princípio que ele mesmo denomina, entre outros nomes, "Um", sendo sua meta a unificação da Alma com este Princípio. Para tanto propõe uma ascese que se realiza dialeticamente, num primeiro momento, a partir do conhecimento do Intelecto, ou seja, do reconhecimento da proximidade ou da distância com relação ao Princípio. Plotino indica a rota e a direção capazes de conduzir do sensível ao inteligível, e depois à sua superação na experiência unitiva. Para a compreensão do Silêncio plotiniano, que transparece veladamente em seus escritos, é necessário o atravessamento de sua obra sendo, portanto, impossível defini-lo sem que se percorra com ele os mesmos caminhos. O presente trabalho descreve, no capítulo primeiro, a travessia descendente que vai do Um à realidade sensível e ao homem; no capítulo segundo, a travessia ascendente que vai do homem à Alma e desta ao Intelecto discursivo até alcançar a realidade indefinida caracterizada pela Díade Indefinida plotiniana, a partir da qual tem início o vislumbre do Silêncio plotiniano; somando-se a este percurso, a reflexão dos comentadores sobre o Silêncio em Plotino, apresentada no capítulo terceiro. É possível perceber, então, que o Silêncio em Plotino não é meta, mas antes parte do caminhar que conduz a ele. É possível reconhecer, ainda, a influência profunda de Plotino nas três grandes tradições abrahâmicas. Seu maior mérito reside em sua capacidade de descrever não apenas as duas realidades, mas especialmente em apontar os elementos capazes de realizar a intermediação entre elas. Para Plotino, o homem não está separado de Deus ou do Um e deve, por meio do conhecimento, realizar a superação de si mesmo a cada etapa da jornada, cujo fim só se realiza na experiência unitiva, ainda que fugaz. (resumo do autor)

- 061** BALTES, Matthias. Boécio: estadista e filósofo. In: ERLER, Michael; GRAESER, Andréas (Org.). **Filósofos da antiguidade**: do helenismo à antiguidade tardia. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003. v. 2. p. 277-298.

062 BAUCHWITZ, Oscar Federico. Nihilismo e neoplatonismo. **Boletim do CPA**, Campinas, v. 15, p. 169-181, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/7207812/Platao-Nihilismo-e-Neoplatonismo>>. Acesso em: 30 ago. 2010.

063 ERLER, Michael. Proclo: metafísica como exercício do tornar-se uno. In: ERLER, Michael; GRAESER, Andréas (Org.). **Filósofos da antiguidade: do helenismo à antiguidade tardia**, 2. Tradução Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003. p. 253-276.

064 O'MEARA, Dominic J. Plotino: o regresso da alma ao lar. In: ERLER, Michael; GRAESER, Andréas (Org.). **Filósofos da antiguidade: do helenismo à antiguidade tardia**, 2. Tradução Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003. p. 215-227.

065 OLIVEIRA, Loraine. Um retrato de Plotino. **Caesura**, Canoas, v. 22-23, p. 49-56, jan./dez. 2003.

O retrato aparece na biografia de Plotino como algo a ser recusado por legar ao mundo uma imagem duradoura do corpo humano, o qual sendo corpo a imagem do modelo inteligível. À primeira vista essa idéia nos faz pensar em uma teoria estética que recusa a arte por ser cópia de cópia, *i. e.*, imagem de imagem. No entanto, a estética ensinada pelas *Enéadas* não se reduz a isso: Plotino entende a arte como um produto humano e toda produção como atividade simultaneamente teórica e poética. (resumo do autor)

066 PLOTINO. **Acerca da Beleza Inteligível: Enéada V, 8 [31]**. Introdução, tradução e notas: Luciana Gabriela Eiras Coelho Soares. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 44, n. 107, p.110-135, jun. 2003. ISSN 0100-512X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v44n107/v44n107a09.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2010.

O presente artigo constitui a primeira tradução direta do grego e em língua portuguesa do *Tratado 31* de Plotino. Esta tradução é acompanhada do texto grego da edição crítica da *Editio Minor* de P. Henry e H.-R. Schwyzer, à partir da qual ela foi realizada, assim como de notas explicativas de cunho filológico e filosófico. Este trabalho foi parte integrante da dissertação de mestrado intitulada *Acerca da Beleza Inteligível: Tradução e Comentário do Tratado Peritou Noetou Kallous. Enéada V, 8 [31] de Plotino*, defendida em 1999 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. (resumo do autor)

067 PROCLO DE CONSTANTINOPLA. Hino a Atena. Tradução David Mourão-Ferreira. **Revista Colóquio/Letras**, n. 163, p. 175, 2003.

068 SANTOS, Bento Silva. Os argumentos de Boécio (ca. 480-524) *pro e contra* os Universais no *Segundo Comentário à Isagoge de Porfírio*. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 30, n. 97, p. 187-202, 2003. ISSN: 2176-9389.

Disponível em:

<<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/496/919>>.

Acesso em: 8 set. 2010.

O artigo tem em vista examinar o célebre texto de Boécio sobre sua discussão dos Universais no Segundo Comentário à *Isagoge* de Porfírio. O problema medieval sobre os Universais tem início precisamente com as próprias observações de Boécio feitas a uma passagem da *Isagoge* de Porfírio. De um lado, retomando as distinções de Porfírio consignadas em uma outra obra (*Comentário às Categorias de Aristóteles segundo perguntas e respostas*) acerca do termo "communis", Boécio as aplica ao problema dos Universais e elabora a seguinte crítica: a pluralidade das coisas às quais um universal, supostamente, julga ser comum é "contagiosa" e "infecta" o próprio universal, tornando-o também múltiplo, e assim não "uma só coisa". De outro, Boécio propõe uma teoria a favor dos Universais, segundo a qual a formação de conceitos universais e gerais sobre o mundo tem uma base objetiva, mas não arbitrária, a saber: os gêneros e as espécies só "existem nos indivíduos, mas são pensados como universais". (resumo do autor)

- 069** SAVIAN FILHO, Juvenal. A distinção entre esse e *id quod est* no *De hebdomadibus* de Boécio. **Coletânea**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 2003. ISSN 1677-7883.

2004

- 070** ALBUQUERQUE, Érika Felipe de. **A felicidade na dimensão ético-política de Boécio**. 2004. 90 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2004.

A Felicidade é para Boécio o supremo bem de uma natureza guiada pela razão. Este estado de perfeição, configurado pela posse total de todos os bens, remete a quatro eixos basilares que conduzem o pensamento do filósofo ao longo da *Consolação da Filosofia*: Político, Teleológico, Antropológico e o Ético. No âmbito do político encontra-se a vida de Boécio. Acusado de crime de lesa-majestade, preso e condenado à morte e sob torturas escreve sua última obra. Nela descreve sua autobiografia, reflete a situação dos homens diante do governo que servira. Boécio, oprimido pelos reveses da Fortuna, questiona a natureza do mal, da Providência divina e da liberdade humana. Cogitando a respeito de sua existência aborda a natureza humana. O eixo antropológico é expresso associando-se ao eixo teleológico que fundamenta o discurso. Vinculados ao conceito de felicidade, os eixos direcionam para origem e fim do homem. O eixo político é posto sobre as condições necessárias ao homem para atingir seu fim, portanto uma ética. Nestes termos dissertamos em torno do conceito de felicidade. Tendo o soberano bem de uma natureza como pontual da teleologia esta converge para o eixo ético, posto que a razão é o guia de aperfeiçoamento da

natureza humana. Dado que o Soberano Bem coincide com o princípio e o fim de todas as coisas, Deus é beatitude. Este estado de perfeição torna o homem feliz de acordo com o nível de participação experimentada neste princípio para o qual o homem tende necessariamente por meio da faculdade racional. Assim, quanto maior o grau de participação dos seres em Deus tanto mais divino o homem se torna. (resumo do autor)

071 BEZERRA, Cícero Cunha. Algumas considerações sobre a leitura proleana do *Parmênides* de Platão. **Princípios**, Natal, v. 11, n. 15-16, p. 99-107, jan./dez 2004. ISSN 1983-2109. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/principios/article/viewFile/544/474>>. Acesso em: 15 out. 2010.

072 COELHO, Cléber Duarte. **A filosofia como modo de vida: Boécio e sua *De philosophiae consolatione***. 2004. 89 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

A dissertação diz respeito à noção de filosofia enquanto modo de vida em Boécio. No primeiro capítulo, abordamos a noção de areté nos antigos sábios gregos. Fazemos análise da figura de Sócrates e seu filosofar enquanto modo de vida. Abordamos também algumas noções de filosofia enquanto modo de vida em Sêneca — este já um representante do estoicismo romano. No segundo capítulo, abordamos as questões relacionadas à noção de filosofia enquanto modo de vida na *De Philosophiae Consolatione*, de Boécio. Em especial, sua postura frente à morte, a justa medida, o uso dos prazeres, a fama, a Fortuna, a felicidade e a amizade. O terceiro capítulo dedica-se ao estudo das questões teológicas na *De Philosophiae Consolatione*. Fundamentalmente são duas: o problema do mal; o livre-arbítrio humano paralelo à onisciência divina. Questões estas que também se ligam à noção de filosofia enquanto modo de vida. (resumo do autor)

073 FERREIRA, Elisa Franca e. Plotino: a imanência e a transcendência do Uno. **Contextura**, Belo Horizonte, n. 1, 2 sem. 2004. ISSN 1807-6440.

No presente texto, pretende-se discutir, a partir de algumas *Enéadas* de Plotino (V, 2; V, 3; V, 4; V, 5; VI, 9), a questão da imanência e da transcendência do Uno, isto é, em que medida o Uno é todas as coisas e não é nenhuma delas. Juntamente a esta questão está a do panteísmo e a do panenteísmo, segundo às quais alguns intérpretes dividem-se. O objetivo é analisar como o licopolitano discorre que o Uno não está em nenhuma parte, mas não há lugar no qual Ele não esteja. (resumo do autor)

074 NOGUEIRA, Maria Simone Cabral Marinho. Uma aproximação entre Plotino e Dionísio. In: COSTA, Marcos Roberto N., DE BONI, Luis A. (Org.).

A ética medieval frente aos desafios da contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, v. 172, p. 67-81.

075 ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino: a relação do Uno (*Archê*) com o mundo. In: STEIN, Ernildo (Org.). **A cidade de Deus e a cidade dos homens: de Agostinho a Vico.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v. 1. p. 33-50.

2005

076 BAL, Gabriela. Contemplação e ascese em Plotino. **Agnes**, São Paulo, n. 2, p.83-99, 2005. ISSN 1808-3307.

Procura esclarecer no pensamento do filósofo neoplatônico Plotino (205 – 270 d.C.) o papel da ascese na condução da Alma na direção do Princípio, que ele mesmo denomina, entre outros nomes, Um, sendo sua meta a unificação da Alma com este Princípio. Para tanto Plotino propõe uma ascese que se realiza dialeticamente a partir do conhecimento de si mesmo, ou seja, do reconhecimento da sua proximidade ou distância com relação ao Princípio. A ascese plotiniana convida ao abandono das ilusões com respeito ao conhecimento do Intelecto discursivo (primeira etapa); assim como a ilusão do conhecimento de si e da própria alteridade em relação ao Princípio (segunda etapa); tendo como meta o abandono de si mesmo e da alteridade na experiência unitiva (terceira etapa). A reflexão que aqui se desenvolve fundamenta-se na própria obra de Plotino (*Enéadas*), bem como de seus comentadores. (resumo do autor)

077 BERGSON, Henri. Curso sobre Plotino. In: _____. **Cursos sobre a filosofia grega.** Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 1-81. Tradução de: Cours de Bergson sur la philosophie grecque. Paris : PUF, 2000.

Este volume reúne quatro cursos que Bergson consagrou à filosofia grega de 1884 a 1899. Um curso sobre Plotino, provavelmente ministrado na École Normale Supérieure em 1898-1899, constitui o centro deste volume. Um curso mais geral e escolar, sobre a história da filosofia grega; algumas páginas de um curso de classe terminal no liceu Clermont-Ferrand, ministrado quando Bergson era um jovem professor do liceu; e por fim o Caderno Preto, que provavelmente testemunha o pioneiríssimo ensino universitário de Bergson, encarregado de cursos na Universidade de Clermont-Ferrand, em 1884 ou 1885. Os três últimos textos deste volume preparam o primeiro. E este, por sua vez, marca uma das etapas essenciais da transição entre Matéria e memória (1896) e A evolução criadora (1906). A íntima conexão entre os Cursos e as obras maiores de Bergson se vê assim confirmada. (resumo da contracapa)

078 GOLLNICK, Silvania. **Ontologia e conhecimento no *Tratado V. 3 (49)* de Plotino**. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

A primeira parte da dissertação é constituída dos comentários ao *Tratado 49 (V. 3)*, de Plotino, no qual o filósofo reflete sobre aquilo que seria capaz de autoconhecimento. Ele começa avaliando o raciocínio e a discursividade, nos quais não encontra tal capacidade, porém, afirma que a alma pode elevar-se a um modo de conhecimento superior à razão, tornando-se o Intelecto. Passa a descrever o processo de intelectão e conclui que há nele conhecimento de si. Mas, a intelectão exige uma unidade transcendente como fundamento e, portando, Plotino passa a questionar do Uno surge o múltiplo, apresentando a processão e a gênese simultânea do Intelecto e da multiplicidade dos entes. Salaria que o Uno em sua simplicidade e inefabilidade é potência de tudo e termina afirmando que a alma que tenha ascendido ao Intelecto pode, ao voltar-se exclusivamente para o Uno, ter um contato direto com aquele princípio transcendente se ela abandonar tudo. A segunda parte da dissertação articula os temas que Plotino apresentou. Aprofunda a discussão da gênese conjunta do Intelecto e da multiplicidade de entes, tratando da emanação e da relação estabelecida pelo retorno para o Uno, e do Ente pré-noético, o qual, ao tentar conhecer o próprio Uno produz em si mesmo o uno-múltiplo inteligível. Na continuidade, é a estreita correlação entre os vários níveis ontológicos e os níveis do "eu", mostrando a mobilidade do "si" através dos diferentes graus de unidade e interioridade. Em seguida, as condições a que deve submeter-se o conhecimento para ser verdadeiro conhecimento de si, que é conhecimento do Todo e é representado pela intelectão, um processo no qual, ao intencionar o Uno, o múltiplo delimita essências produzindo inteligíveis. Tal processo é não-discursivo e tem de ser desdobrado e fragmentado para ser expresso no discurso. Quanto ao Uno, há impossibilidade de expressá-lo, tendo em vista sua potência infinita e sua simplicidade absoluta; pode-se, porém, falar sobre o Uno com um discurso apofático. Ao final, é avaliada a acesse plotiana e a propriedade de qualificá-la como mística. (resumo do autor)

079 MARQUES, Luis Cesar. *Animula hospes comesque corporis*: considerações sobre o retrato "interior", de Adriano a Plotino. **Signum**, São Paulo, v. 7, p. 129-163, 2005.

080 MARSOLA, Mauricio Pagotto. ***Epekeina tes ousias*** : estudo sobre a exegese plotiniana de *República* 509 b 9. 2005. 228 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Nossa investigação tem como objeto a problemática da negatividade do Primeiro Princípio em Plotino, identificando como um dos elementos centrais para tal análise a exegese da expressão platônica de *República* 509 b 9, na qual Sócrates diz que a Idéia do Bem é *epekeina tes ousias*. Após o exame da noção plotiniana de exegese, trata-se identificar a estrutura das principais passagens das *Enéadas* nas quais a referida expressão platônica ocorre. Em seguida, decompondo os elementos de tal expressão, analisaremos os conceito de ousia como determinação no plano inteligível, transcendida pela absoluta simplicidade do Uno. Tal estatuto é apreensível pelo trabalho da *aphairesis*, que circunscreve os limites da linguagem e do intelecto. Ao identificar o Uno como "além da essência", a razão discursiva é superada, instaurando-se o plano da *parousia* e da *henosis*. Tais são os elementos centrais da dialética negativa do processo intelectual, no qual o intelecto do sábio mimetiza a unicidade do Princípio, fugindo só para o Só (VI 9 [9], 11, 51), configurando o vínculo entre negatividade, henologia e ética presente em alguns textos de Plotino. (resumo do autor)

081 OLIVEIRA, Loraine. O belo em Plotino: do múltiplo ao Uno. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 32, n. 103, p. 259-274, 2005. ISSN: 2176-9389. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/336/629>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

O objetivo deste estudo é compreender como do belo sensível se pode chegar à conversão ao Uno. A leitura do tratado *Sobre o belo* mostra que ver o belo inteligível através do sensível produz amor pela beleza. Esta visão erótica afigura-se caminho para a conversão ao Uno. A leitura do tratado *Sobre a dialética* indica que o músico capaz de se emocionar com a beleza dos sons passa a amar o belo. Amante, inicia a segunda etapa do caminho, tornando-se dialético. Portanto, cabe verificar as semelhanças e as diferenças entre estes dois tratados, e por fim, indicar como, através da visão do belo chega-se ao Uno. (resumo do autor)

082 PARENTE, Margherita Isnardi. **Introdução a Plotino**. Tradução José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70, 2005. Tradução de: *Introduzione a Plotino*. Roma-Bari: Laterza, 1984.

Plotino, foi um filósofo de língua grega nascido no Alto Egito no século III d.C.. Esta obra é crucial para se perceber a sua obra, que incide essencialmente sobre Deus, a sua natureza e a totalidade da sua criação. Filósofo «da Emanação, da Processão e do Êxtase da contemplação da origem» (Noëlla Baraquin), Plotino foi muito influenciado pelos textos de Platão e Aristóteles, de cujas doutrinas faz, à sua maneira, a síntese. (resumo da contracapa)

083 SANTOS, Bento Silva. Ockham e Porfírio: uma interpretação medieval do questionário da Isagoge. *Redes*, v. 3, p. 141-162, 2005. Disponível em: <http://www.bentosilvasantos.com/cms/index.php?Publica%E7%F5es:Artigos_online>. Acesso em: 9 set. 2010.

084 SAVIAN FILHO, Juvenal. **A metafísica do ser em Boécio**. 2005. 369 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/919151-ARQ/919151_5.PDF>. Acesso em: 3 nov. 2010.

Este trabalho pretende investigar a metafísica de Boécio partindo, fundamentalmente, da sua distinção entre esse e *id quod est* tal como ela se encontra formulada no *De hebdomadibus*. Numa palavra, esse corresponde ao princípio do ser de cada coisa concreta (e, portanto, equivale à forma *essendi*), enquanto *id quod est* corresponde à coisa concreta ela mesma; a substância composta. Procura-se interpretar, então, o texto do DH a partir do conjunto da obra de Boécio, sobretudo seus comentários a Aristóteles e Porfírio. (resumo do autor)

085 SAVIAN FILHO, Juvenal. Boécio e a ética eudaimonista. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 7, 2 sem. 2005, p. 109-127. ISSN 1517-0128. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp7/savian.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2010.

Este artigo pretende investigar a noção boeciana de felicidade, a partir de três momentos fundamentais: a definição formal de felicidade; a explicitação do que a felicidade não é; a identificação entre Deus, o bem e a felicidade. Por fim, concebendo a ética eudaimonista de Boécio como paradigmática da ética clássica, pretende-se estabelecer algumas comparações entre esta e a ética moderna. (resumo do autor)

2006

086 BARACAT JÚNIOR, José Carlos. **Enéadas I, II e III; Vida de Plotino**. Introdução, tradução e notas das obras de Plotino, *Enéadas I, II e III* e de Porfírio, *Vida de Plotino*. 2006. 700 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000390053Orientador>>. Acesso em: 30 ago. 2010.

Compõem esta tese de doutoramento a tradução dos vinte e sete tratados contidos nas *Enéadas I, II e III* de Plotino, um estudo introdutório a aspectos estruturais, estilísticos e filosóficos de sua

obra, e ainda a tradução da *Vida de Plotino*, biografia redigida por Porfírio, discípulo, amigo e editor de Plotino (resumo do autor).

087 BEZERRA, Cícero Cunha. **Compreender Plotino e Proclo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Apresenta dois dos pensadores característicos da reflexão neoplatônica – Plotino e Proclo –, que vêem o Uno de maneira absoluta. Disserta sobre os principais argumentos que os vinculam ao pensamento clássico e ao mesmo tempo original sobre a onto-teologia ocidental. A partir do confronto das principais opiniões entre o neoplatismo e os textos destes dois autores faz-se a diferenciação entre ambas as filosofias. (resumo do autor)

088 GALLEGO, Roberto de Almeida. **O Uno e os éons: a soteriologia em Plotino e em sua polêmica antignóstica.** 2006. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4156>. Acesso em: 2 set. 2010.

O presente trabalho tem, como objetivo, estudar a problemática da salvação em Plotino — a um só tempo filósofo e místico, e o mais notável representante do último período da filosofia grega — e a gnose, um importante movimento religioso que conheceu o seu ápice nos primeiros séculos da era cristã. Inicialmente, buscou-se contextualizar tal temática no cenário histórico em que se deu a denominada “polêmica antignóstica de Plotino”, isto é, a Antiguidade Tardia, na qual prevaleceu a percepção de que a existência terrena, repleta de sofrimentos e carências, haveria de ser transcendida. O ser humano, um estrangeiro no mundo, deveria retornar à sua pátria espiritual, sua verdadeira origem. É, neste quadro histórico, que tem lugar a proposta de Plotino, bem como a dos gnósticos, acerca da salvação, que, embora se mostrem convergentes em alguns aspectos, divergem, profundamente, em outros. Em seguida, tratou-se de alinhar os traços fundamentais dos sistemas em confronto, sendo que, com relação aos gnósticos, privilegiou-se a escola sethiana, autora de dois tratados, constantes da chamada *Biblioteca de Nag Hammadi*, conhecidos e criticados por Plotino: o Zostrianos e o Alógenes. Na seqüência, cuidou-se de examinar o tema da salvação à luz da cosmogonia/cosmologia, antropogonia/antropologia e ética, dos sistemas plotiniano e gnóstico, particularmente o gnóstico sethiano. Por último, enfocou-se o procedimento salvífico das duas tradições cotejadas, assim como o papel reservado ao homem no processo de redenção e, ainda, a abrangência da salvação. Recorreu-se, para a realização da pesquisa, a comentaristas nacionais e estrangeiros, bem como, na medida do possível, às fontes primárias, quais sejam, as *Enéadas* de Plotino e os tratados gnósticos, contidos na referida *Biblioteca de*

Nag Hammadi, em especial os já mencionados Zostrianos e Alógenes. A justificativa para este trabalho reside no fato de que, no Brasil, não há muitos estudos acerca da relação entre Plotino e os gnósticos, e menos ainda, no campo específico das soteriologias respectivas. Desta forma, a pesquisa espera estimular, em nosso país, o interesse pelo estudo das construções filosófico-religiosas apontadas, que lidam com problemas fundamentais da alma humana. (resumo do autor)

089 MACEDO, Monalisa Carrilho; BAUCHWITZ, Oscar Federico (Org.). **Estudos de Neoplatonismo**. Natal: EDUFRN, 2006. v. 1.

090 OLIVEIRA, Paulo César Lage de. **Interioridade e transcendência: o conhecimento de si mesmo e o retorno ao Uno em Plotino**. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

Plotino estabelece como fim último da existência humana a unificação da alma com o princípio transcendente de todos os seres: o Uno ou o Bem. O objetivo deste trabalho é investigar em que sentido a interiorização é a via que permite a realização do retorno à transcendência. Segundo Plotino, isso só é possível em função da presença do Uno na alma, considerado como o seu centro e a sua natureza originária. O conhecimento de si mesmo é indispensável nesse processo, pois permite que a alma conheça a sua origem, o seu vínculo com o princípio e a causa do mal que a afeta. O caminho de subida ao princípio deve ser percorrido em duas etapas: do sensível ao inteligível e do inteligível ao Uno. Três são os candidatos aptos a percorrê-lo: o músico, o amante e o filósofo. O retorno ao inteligível pode ser realizado por meio da contemplação da beleza, da prática das virtudes e do exercício da dialética. A unificação com o Uno requer a superação de todas as determinações inteligíveis por meio da abstração e permite que a alma exceda os seus limites e coincida com a presença do Uno. (resumo do autor).

2007

091 BAL, Gabriela. **Silêncio e contemplação: uma introdução a Plotino**. São Paulo: Paulus, 2007. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado intitulada *O silêncio em Plotino*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

092 BARACAT JÚNIOR, José Carlos. A legitimidade da arte na filosofia de Plotino. **Calíope**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 72-82, 2007. ISSN 1676-3521. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/pgclassicas/files/upload/caliope16.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2010.

Este artigo pretende mostrar como Plotino, ao afirmar que a arte não toma seus modelos do mundo sensível, mas sim dos *lógoi* inteligíveis, assim como a própria natureza o faz, elabora uma apreciação da atividade artística oposta à que Platão expõe no décimo livro de sua *República* ainda que se declare apenas um seguidor de Platão. O artigo tenta ainda expor os fundamentos teóricos plotinianos que sustentam tal apreciação (resumo do autor).

093 BRANDÃO, Bernardo Guadalupe Lins. A União da Alma e do Intelecto na Filosofia de Plotino. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 48, n. 116, p. 481-491, dez. 2007. ISSN 0100-512X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v48n116/a1348116.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2010.

Um dos aspectos mais importantes do sistema ético de Plotino é sua doutrina da união da alma e do Intelecto: essa união é o das práticas de purificação, o topo da prática dialética e a base da experiência mística. Mas, sendo inferior ao Intelecto, como é possível à alma alcançar essa união? Este artigo é uma tentativa de buscar a explicação plotiniana desse problema. (resumo do autor)

094 BRANDÃO, Bernardo Guadalupe Lins. **Experiência mística e filosofia em Plotino**. 2007. 146 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ARBZ-7X4KH9/1/disserta__o.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2010.

Plotino não foi apenas um místico, mas também um filósofo platônico: ele não apenas tentou expressar suas experiências místicas nos seus textos, mas também formulou uma doutrina filosófica da união mística. Essa dissertação é uma tentativa de expor a teoria plotiniana da união mística e os relatos dessa experiência. Como nos textos de Plotino não existe apenas um tipo de experiência mística, mas dois (a experiência da união mística da alma com o Intelecto e da alma com o Um), essa pesquisa se concentra em quatro áreas principais: a teoria da união mística da alma com o Intelecto; a experiência dessa união; a teoria da união mística da alma com o Um; a experiência dessa união. (resumo do autor)

095 BRANDÃO, Bernardo Guadalupe Lins. Só em direção ao só: considerações sobre a mística de Plotino. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 151-158, dez. 2007. Disponível em: <http://www.pucminas.br/documentos/horizonte_11_so_direcao_so.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2010.

Plotino é um pensador estranho para o filósofo contemporâneo: nas suas *Enéadas*, ele discute experiência mística e prática filosófica

como se fosse uma mesma coisa. De fato, no pensamento plotiniano, o ápice da vida filosófica é a contemplação mística: não pensamento irracional, mas uma forma supra-racional de consciência que é alcançada pela prática ascética e pelo procedimento dialético. Este artigo tenta entender o que é a experiência mística em Plotino. Na verdade, uma leitura atenta dos textos das *Enéadas* que tratam do assunto mostram que não existe apenas um, mas dois tipos de contemplação mística supra-racional: a experiência da alma humana unida ao Intelecto divino e a experiência da alma humana unida ao Um, o princípio supremo da realidade de acordo com a filosofia plotiniana. Ambos são tipos de intuição intelectual interior, mas, se a experiência mística do Intelecto é a contemplação da totalidade do mundo inteligível, a contemplação do Um é a intuição da identidade pura, além de toda a diferença. (resumo do autor)

096 BRISSON, Luc. Pode-se falar de união mística em Plotino? Tradução Loraine Oliveira. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 48, n. 116, p. 453-466, dez. 2007. ISSN 0100-512X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v48n116/a1148116.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2010.

Em Plotino, o termo "mística" qualifica um tipo de interpretação de mitos, e não a união da alma com o primeiro princípio. A união da alma com o primeiro princípio apresenta, aliás, em Plotino, um caráter intelectualista. A alma, através da prática das virtudes cívicas, purificativas e contemplativas, atinge primeiro a união com o Intelecto, e nele, ela perde sua identidade. E é o Intelecto, o qual está unido à alma, que, em definitivo, une-se ao Um, no qual, por sua vez, ele perde sua identidade. Estamos, portanto, longe das experiências qualificadas de "místicas" por cristãos e muçulmanos, entre outros. (resumo do autor)

097 CHAVES, Julio Cesar Dias. Neo-platonismo, apocalíptica e gnose os apocalipses filosóficos setianos. **Oracula**, São Bernardo do Campo, v. 3, n. 6, p. 115-129, 2007. ISSN: 1807-8222.

Dentre os mais de cinqüenta textos da biblioteca copta de Nag Hammadi, três tratados se destacam devido à sua similaridade doutrinal e literária. São eles os apocalipses filosóficos setianos: Zostrianos (NH VII, 1), Marsanes (NH X, 1) e Allógenes (NH XI, 3). Estes tratados são assim chamados devido ao seu conteúdo filosófico, altamente motivado pelo médio e neo-platonismo e, ainda, porque fazem parte da categoria de textos setianos sugerida por Hans-Martin Schenke, categoria esta que possui uma doutrina específica que pode ser identificada em meio à heterogeneidade dos textos de Nag Hammadi. Os três textos citados podem ainda ser considerados apocalipses, pois apresentam diversos elementos apocalípticos e semelhanças em relação a apocalipses judaicos de

viagem ao Além. Este artigo propõe uma rápida apresentação dos conteúdos apocalípticos destes três textos.

098 COSTA, Elcias Ferreira da. Comentário de Santo Tomás de Aquino ao *De hebdomadibus* de Boécio: advertência preliminar. **Ágora Filosófica**, Recife, ano 1, n. 1, p. 1-21, jul./dez. 2007. ISSN: 1982-999x. Disponível em: <http://www.unicap.br/revistas/agora/arquivo/artigo%202.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010.

Como justificativa para a terminologia adotada na tradução do *Comentário* de Santo Tomás de Aquino ao *De Hebdomadibus* de Boécio, particularmente na tradução da dicotomia esse x id quod est, o autor teceu considerações em torno da controvérsia que envolveu os teólogos medievais a respeito da distinção real entre essência e existência, para concluir que em Santo Tomás de Aquino, tal como em seu antecessor Boécio, não se verificou a perspectiva predicamental, dentro da qual os escolásticos do século XIV construíram a teorização da distinção Essência x Existência, não tendo, porém, faltado a Tomás e a Boécio a intuição de que tal distinção se verifica no plano transcendental, consoante ficou esclarecido com a teoria dos três graus de existir, elaborada pelo teólogo inglês, João Baconthorp. (resumo do autor)

099 MARSOLA, Mauricio Pagotto. Plotino e o ceticismo. **Doispontos**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 247-273, out. 2007. ISSN: 1807-3883. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/doispontos/article/viewFile/8282/8133>>. Acesso em: 2 set. 2010.

O que segue é apenas o conjunto de algumas hipóteses de trabalho a respeito da presença de argumentos céticos nas *Enéadas*, particularmente no tratado V, 3 [49]. O ceticismo apresenta-se no interior de um variegado de argumentos dos quais Plotino se vale contra teses que ele pretende criticar. Tais teses dizem respeito: a) ao conhecimento sensível, toma do como fonte do conhecimento verdadeiro, cujo questionamento leva Plotino a compreender que a verdade situa-se em outra instância que não a esfera do sensível; b) à identidade entre o Intelecto e seu conteúdo, no plano inteligível; c) ao questionamento da possibilidade de que o Intelecto divino, em seu sentido aristotélico, seja o princípio primeiro da realidade; d) à problemática da inefabilidade do Primeiro Princípio. Nossa estratégia será a de: a) abordarmos algumas hipóteses acerca da estrutura do inteligível e da possibilidade do conhecimento de si, identificando quais são os usos plotinianos de tal estrutura e como ela pode ser mobilizada na crítica ao Intelecto, se tomado como princípio. Desse problema decorre: b) a identificação da presença do ceticismo na questão da negatividade fundamental do Primeiro Princípio inefável, que denota a impossibilidade absoluta de introduzir qualquer relação de alteridade e exterioridade provindas de nossas afecções, em nosso discurso sobre o Uno. Tais referências ao ceticismo levam-

nos a considerar seu papel, como *modus operandi*, no interior da metodologia filosófica plotiniana. Nossa preocupação, portanto, é essencialmente metodológica. (resumo do autor)

- 100** MORAES, Emmanuel Victor Hugo. Beleza, amor e contemplação: sobre a possibilidade de se pensar uma estética em Plotino. **Viso**, Rio de Janeiro, n. 3, set./dez. 2007. ISSN 1981-4062. Disponível em: <http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_3_EmmanuelMoraes.pdf>. Acesso em: 8 set. 2010.

Metafísica, Ética e Estética se confundem no pensamento de Plotino. O autor nos convida a uma conversão, a um exercício individual de transformação das atitudes e da maneira de olhar. Chama-nos a reaprendermos a ver e a enxergar em nós mesmos o princípio e fim de toda a realidade, o Uno. A beleza é o agulhão que desperta em nós o amor e nos permite, através de uma ascese, termos um encontro místico, inefável e silencioso, no qual deixamos de lado até o próprio pensamento e nos abrimos à presença e ao super-derramamento de Amor do Uno, simples e primeiro. Fazer-se artista, esculpir a própria estátua, a própria alma, eis o resumo do convite plotiniano. (resumo do autor)

- 101** OLIVEIRA, Loraine. Conhecer o tempo, conhecer no tempo: considerações sobre o tempo, mito e razão em Plotino. **Hypnos**, São Paulo, n. 18, p. 78-89, 2007. ISSN 2177-5346.

Este estudo objetiva investigar o que à primeira vista se afigura um paradoxo: como, na temporalidade própria do pensamento discursivo, o homem ascende à eternidade para conhecer o tempo? Uma solução encontramos no tratado *Sobre a eternidade e o tempo*: Plotino gera racionalmente uma narrativa mítica acerca da gênese do tempo. É a análise do tempo da narrativa, que descobre-se como tempo psíquico, que conduz a alma à eternidade. (resumo do autor)

- 102** OLIVEIRA, Loraine. Notas sobre lógica e dialética em Plotino (*Enéada I*, 3 [20] 4-5). **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 30, n. 2, p. 167-178, 2007. ISSN 0101-3173. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732007000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 8 set. 2010.

Este trabalho objetiva caracterizar a lógica e a dialética, conforme a *Enéada I*, 3 [20], 4-5. Para Plotino, a lógica consiste em um conjunto de procedimentos que trata de proposições e silogismos. A dialética é um método que faz uso dos procedimentos lógicos. Mas é também uma disposição que permite compreender a estrutura do inteligível. Por conseguinte, é um caminho de ascensão rumo ao Uno. Neste sentido, tem um aspecto ético. (resumo do autor)

103 OLIVEIRA, Loraine. Uma sinfonia de autoridades: notas sobre a exegese dos Antigos (Plotino, *Enéada* V, 1 [10], 8-9). **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 48, n. 116, p. 467-479, dez. 2007. ISSN 0100-512X. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/kr/v48n116/a1248116.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2010.

Este estudo apresenta a exegese dos Antigos em *V, 1 [10]*, 8-9, mostrando que Plotino estabelece um acordo entre as autoridades mencionadas: todos os Antigos por ele aludidos já conheciam, ainda que de modo implícito e inexato, a doutrina das três naturezas. De modo geral, a imprecisão dos seus predecessores consistia em confundir o Um e o Intellecto. Seguindo passo a passo o argumento de Plotino, tenta-se compreender, especialmente, a função de três dentre os filósofos citados. Primeiro, Platão, considerado o testemunho mais exato das antigas doutrinas. Depois, Aristóteles, contra quem Plotino polemiza, mas que parece servir de modelo para a exegese de alguns dentre os filósofos anteriores a Platão. Finalmente, Ferécides, que encerra uma alusão à doutrina pitagórica e, talvez, também, à tradição mítica. (resumo do autor)

104 PIAUÍ, William de Siqueira. Aristóteles e Boécio: natureza das coisas e eternidade de Deus. **Ágora Filosófica**, Recife, v. 1, n. 1, jul./dez. 2007. ISSN: 1982-999x. Disponível em: <http://www.unicap.br/revistas/agora/arquivLo/artigo%204.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010.

Pretendemos tratar de algumas das questões e conceitos mais importantes dos problemas associados ao dogma cristão da onisciência divina e da concepção aristotélica da natureza das coisas e da possibilidade do acaso, diretamente ligadas às primeiras formulações do problema dos futuros contingentes, principalmente o fato de que ela sempre afetou o universo da Religião Cristã e, como desde o seu início, ela esteve associada a uma forma bastante peculiar de entender os conceitos de tempo e natureza. Considerando três obras de Boécio, seus dois comentários ao *De Interpretatione* de Aristóteles e sua *Consolação da Filosofia*, e, de forma bastante resumida evidentemente, como o alcance do pensamento contido nessas obras chega até modernos como Bayle, para depois aparecer na Teodicéia de Leibniz, passando determinantemente pela filosofia de Tomás de Aquino, no que diz respeito à sua conceituação do tempo. (resumo do autor)

105 PINHEIRO, Marcus Reis. Cosmologia e divinação em Plotino. In: Macedo, M. C.; Bauchwitz, O. F. (Org.). **Estudos de Neoplatonismo**. Natal: Edufrn, 2007. p. 61-72.

106 PINHEIRO, Marcus Reis. O aprendiz do Belo: a arte-ética em Plotino. **Viso**, Rio de Janeiro, n. 3, set./dez. 2007. ISSN 1981-4062. Disponível em:

<http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_3_MarcusReis.pdf>. Acesso em: 9 set. 2010.

O artigo apresenta as características básicas da estética em Plotino, procurando esclarecer as imbricações necessárias entre estética e a proposta ética de conversão rumo ao inteligível. A arte se mostra como um processo de descoberta daquilo que é mais propriamente nosso, de nosso nível mais verdadeiro, o noûs. Na auto-descoberta apaixonada do noûs, o aprendiz do Belo se torna sua maior obra de arte, a escultura de si mesmo, que faz brilhar em sua própria vida o resplendor da virtude, mimese do inteligível. Também o artista, na nossa acepção do termo, ao criar sua obra exterior, faz brilhar sensivelmente os seus amores inteligíveis, unificando-se progressivamente com as esferas superiores. Suas obras são frutos do processo de conversão ao mundo das verdadeiras belezas, o noûs. Tais obras, cópias diretas do mundo inteligível (e não cópias de cópias), são vestígios Daquele Belo, indicações que nos apontam para a transcendência, são obras-anaminese, que nos fazem escalar o caminho da ascese: arte-ética, a vida como um ato de artista. (resumo do autor)

107 PINHEIRO, Marcus Reis. Plotino, exegeta de Platão e Parmênides. **Anais de Filosofia Clássica**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 70-82, 2007. ISSN 1982-5323. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~afc/2007/marcus%20reis.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2010.

O presente artigo é dividido em três partes: na primeira, apresenta de modo geral e esquemático a totalidade da metafísica plotiniana, descrevendo as influências que Plotino sofre das obras de Platão para constituir suas três hipóstases; na segunda, apresenta a interpretação de Plotino para o fragmento três de Parmênides, “pois o mesmo é ser e pensar”; numa última parte, este artigo apresenta de modo introdutório a característica de toda atividade filosófica em Plotino ser uma exegese, e procura explicitar em que sentido se pode chamar Plotino de exegeta. (resumo do autor)

108 PLOTINO. **Tratados das Enéadas**. Tradução Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2007. Tradução de: Das Enéadiu. [não é uma tradução direta do texto Grego]

Plotino (205-270 d.C.), o pai do neoplatonismo, é considerado por alguns como 'a glória da filosofia antiga'. A influência de Plotino e dos neoplatônicos sobre o pensamento cristão, islâmico e judaico, bem como sobre os pensadores de proa do Renascimento, foi enorme. Foram direta ou indiretamente influenciados por ele- Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa, Agostinho, Dionísio Pseudo-Areopagita, Boécio, Scoto Erígena, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Dante Alighieri, Mestre Eckhart, Johannes Tauler, Nicolau de Cusa, João da Cruz, Marsílio Ficino, Pico de la Mirandola, Giordano Bruno,

Avicena, Ibn Gabirol, Espinosa, Leibniz, Coleridge, Henri Bergson (resumo: www.livrariacultura.com.br).

109 STROGULSKI, Zuleika. **O conceito de *noûs* (espírito) em Plotino.** 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Este trabalho apresenta alguns aspectos do sistema de pensamento de Plotino (204-270), importante filósofo pertencente à Antiguidade Tardia e ao neoplatonismo. O trabalho investiga como Plotino tematiza o conceito do *Noûs* em sua obra *Enéadas*, bem como interpreta a concepção plotiniana do *Noûs*, como categoria efetiva da unidade do homem. O objetivo do trabalho é procurar compreender e circunscrever este conceito. *Noûs*, segundo a tradição grega clássica, é uma atividade contemplativa que marca a forma mais elevada do conhecimento e que seria também uma visão em profundidade. Na tentativa de uma reflexão filosófica que leve em conta a superação da crise referente às concepções do homem em nosso tempo, contamos também, como passo metodológico, com a relação da concepção clássica do homem e a justificação crítica da elaboração de uma idéia de homem a partir das linhas fundamentais da filosofia moderna. Neste sentido, a investigação partiu da constatação da perda da concepção de espírito na modernidade e o seu desaparecimento no horizonte da filosofia contemporânea, como também a necessidade e relevância do entendimento do rico e original sistema de pensamento de Plotino, a partir da compreensão do conceito de *Noûs*. O conceito de *Noûs* (espírito) é determinante para a compreensão do pensamento plotiniano. A forma com que a noção de espírito foi tematizada na obra as *Enéadas* aponta, em nosso entendimento, para a possibilidade de compreensão do homem em sua totalidade. (resumo do autor)

110 STROGULSKI, Zuleika; SECCO, Frederico Schwerin. Plotino e a contemplação do espírito. **Revista da Academia Campista de Letras**, v. 2, p. 19-46, 2007.

111 VIEIRA NETO, Ivan. A compreensão mística na obra de Jâmblico de Cálcis. **Mirabilia**, Campina Grande, v. 7, p. 22-28, dez. 2007. ISSN: 1676-5818. Disponível em: http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num7/numero7_2.2.html. Acesso em: 20 set. 2010.

Jâmblico de Cálcis foi um dos últimos filósofos a preocupar-se com os rumos do paganismo na Antiguidade Tardia que tentou conciliar os princípios místicos das religiões mediterrâneas e as concepções filosóficas do neoplatonismo para chegar a um ponto de equilíbrio que respondesse aos anseios da sociedade daquela época. Esse empreendimento resultou em suas obras a compreensão da filosofia

como sustentáculo para a crença em uma dimensão espiritual atuante e influente na vida humana em todas as suas instâncias. (resumo do autor)

2008

112 BRANDÃO, Bernardo Guadalupe Lins. A Experiência mística intelectual na filosofia de Plotino. **Hypnos**, São Paulo, v. 21, p. 245-260, 2008. ISSN 2177-5346.

Uma leitura rápida das *Enéadas* parece indicar que Plotino descreve apenas um tipo de experiência mística, a da união da alma com o Um. No entanto, tudo indica que existem dois tipos: os textos indicam que a união da alma com o Intelecto também é responsável por uma forma de conhecimento intuitivo, superior à razão e inefável. Nesse artigo, tento mostrar em que consiste tal experiência, delimitando sua natureza, indicando suas características, determinando suas etapas e relacionando-a com a questão do conhecimento de si. (resumo do autor)

113 LUPI, João Eduardo Pinto Basto; GOLLNICK, Silvania. A Teoria emanacionista de Plotino. **Scintilla**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 13-30, jan./jun. 2008. ISSN 1806-6526. Disponível em: <www.saoboaventura.edu.br/pdf/scintillavol5n1.pdf>. Acesso em: 2 set. 2010.

114 LACROSSE, Joachim. Uma passagem de Porfírio relativa ao Shiva andrógino dos brâmanes da Índia. Tradução Elisa Franca e Ferreira. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 117, p. 219-233, jun. 2008. ISSN 0100-512X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v49n117/a1349117.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2010.

Em um fragmento do *Péri Stugos* consagrado aos Indianos (376F Smith), que se baseia em um testemunho de Bardesano redigido próximo a 220 d.C, Porfírio menciona a existência de uma estátua representando um deus andrógino. Essa passagem é um traço interessante do tipo de conhecimento que se podia ter em Roma sobre as religiões da Índia. O contexto do relato é romano, mas a citação de Bardesano comporta elementos especificamente indianos. A descrição do santuário evoca um local de culto shivaísta. Particularmente, a estátua corresponde, traço por traço, a uma manifestação importante do deus Śiva: Ardhanārīśhvara, o "Senhor metade fêmea", símbolo da unidade das funções masculina (concepção, princípio) e feminina (engendramento, energia) do divino. O tema da dualidade emergindo da unidade indiferenciada e voltando a ela é um traço comum do neoplatonismo e dos pensamentos da Índia. Em um discípulo de Plotino e no contexto sincrético da época, a menção entusiasta de uma tal representação

da unidualidade divina poderia ser explicada por afinidades ideológicas, sem que se deva falar de "influências". (resumo do autor)

115 MALUF, Lilian Chaves. Porfírio e Daniel 7: debates acadêmicos entre Maurice Casey e Arthur Ferch. **Archai**, Brasília, n. 1, p. 51-60, jul. 2008. Disponível em: <http://archai.unb.br/revista/pdf/01/01-lilian_maluf.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2010.

As primeiras interpretações judaicas, bem como os primeiros comentários cristãos, ao livro de Daniel são unânimes quanto a uma idéia: a da autoridade do profeta Daniel. Porfírio de Tiro, tendo sido o primeiro a apontar a composição macabaia do livro e a desafiar o prestígio da figura do profeta, questionou os alicerces pelos quais o cristianismo justificava a legitimidade de suas práticas religiosas. Como Porfírio elaborou seus argumentos é a questão que separa Casey e Ferch em caminhos distintos. (resumo do autor)

116 MARSOLA, Mauricio Pagotto. Plotino e a escolha de Hércules: paixões, virtude e purificação. **Hypnos**, São Paulo, ano 14, n. 20, p. 61-74, 1 sem. 2008. ISSN 2177-5346. Disponível em: <<http://revista.institutohypnos.org.br/arquivos/20/artigo4.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2010.

Partindo da exegese plotiniana do mito de Hércules, seja como atleta da virtude, seja como imagem da dupla condição humana, trata-se de investigar a relação entre paixões, virtude, purificação e prazer. Tal investigação da relação entre esses elementos da ética plotiniana torna-se uma via privilegiada de acesso para questionar uma interpretação puramente dualista da antropologia de Plotino. O processo pelo qual tais elementos se relacionam devem ser compreendidos no continuum da vida do sábio, cuja norma última de vida é o Uno inefável. (resumo do autor)

117 OLIVEIRA, Loraine. A exegese de mitos em Plotino e Porfírio. **Archai**, Brasília, n. 1, p. 73-94, jul. 2008. ISSN: 1984-249X. Disponível em: <http://archai.unb.br/revista/pdf/01/01-loraine.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

Em Plotino os mitos encontram-se dispersos ao longo dos tratados das *Enéadas*. Ele prefere alusões e citações fragmentadas dos mitos à exegese de um trecho completo de algum poema, nisso diferindo de Porfírio. Deste restou apenas um texto completo dedicado à exegese alegórica de Homero, o qual é aqui estudado: *Sobre a Gruta das Ninfas* na Odisséia. Nesse opúsculo, Porfírio segue um trecho completo de Homero, tentando encontrar sob a letra do texto um sentido oculto. Analisando primeiro uma pequena amostra do caleidoscópio mítico plotiniano e, logo a seguir, o opúsculo de Porfírio, se tentará mostrar as principais

características da exegese de mitos da tradição épica em cada um desses autores. (resumo do autor)

- 118** OLIVEIRA, Loraine. A genealogia mítica Urano, Cronos e Zeus em Plotino. **Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade**, Campinas, n. 25, p. 109-133, jul. 2008/jun. 2009. ISSN 2177-5850. Disponível em: <http://www.antiguidadeonline.org/index.php/antiguidade/article/view/39>>. Acesso em: 4 out. 2010.

O presente artigo versa sobre um dos discursos míticos mais significativos das *Enéadas* de Plotino: a genealogia Urano, Cronos e Zeus. Na primeira parte, discute questões relativas à exegese mítica na antiguidade platônica e especialmente em Plotino. Nas duas partes seguintes analisa a genealogia no âmbito dos tratados *V, 1 [10]* e *V, 8 [31]*, mostrando que este mito representa o Um, o Intelecto e a Alma, assim como relações internas entre estas realidades. (resumo do autor)

- 119** OLIVEIRA, Loraine. **Discursos míticos e figuras míticas**: o uso dos mitos nas *Enéadas* de Plotino. 2008. 290 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ARBZ-7SNGKU/1/tese_loraine_oliveira.pdf>. Acesso em: 8 set. 2010.

Esta tese versa sobre o uso dos mitos nas *Enéadas* de Plotino, dividindo-os em dois grandes grupos: discursos e figuras míticas. O primeiro grupo concerne aos mitos genealógicos, que ensejam dar conta de todos os níveis da realidade. O segundo, aos mitos que, não estando dispostos na estrutura genealógica, funcionam como imagens de algum determinado aspecto da realidade. Como nos tratados de Plotino encontra-se certa variedade de funções e procedimentos, ligados ao uso do mito, tenta-se, por um lado, definir qual a especificidade dos discursos e das figuras em relação às formas discursivas dos textos, em geral, e, por outro, em relação à noção mais ampla de imagem e mais específica de imagem visual. Assim, esta pesquisa se articula em três partes. A primeira trata dos discursos em geral e dos discursos míticos genealógicos, problematizando especialmente a noção de tempo, a fim de definir a especificidade destes. A segunda analisa as genealogias dos tratados. A terceira tenta definir a noção de imagem concernente aos mitos, a partir do campo lexical do mito, e analisa algumas figuras míticas. (resumo do autor)

- 120** OLIVEIRA, Loraine. Plotino: as Musas e a Filosofia. **Cuadernos de Filosofia**, v. 50, p. 91-100, outono 2008.

O objetivo deste tratado é mostrar a relação entre mito e filosofia a partir da função das Musas. Ao longo das *Enéadas*, encontramos somente quatro aparições do termo Musas: duas no tratado *Sobre a beleza inteligível*, mostrando que as Musas são, para o homem capaz de ver o Belo, um acompanhamento rumo ao inteligível pelo caminho da beleza; as outras duas, no tratado *Sobre a eternidade e o tempo*, apontam a relação entre mito e filosofia. O mito serve aqui para forjar o tempo psíquico, conduzindo o homem ao inteligível pelo caminho da filosofia. (resumo do autor)

121 PIAUÍ, William de Siqueira. Boécio e o problema dos futuros contingentes. **Princípios**, Natal, v.15, n.23, jan./jun. 2008, p. 205-232. ISSN: 1983-2109. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/principios/article/viewFile/461/396>>. Acesso em: 15 out. 2010.

Esse artigo representa nossa crença de que é possível introduzir o pensamento de Boécio a partir de um dos problemas mais recorrentes da filosofia, o problema dos futuros contingentes, explicitando, a partir daquela problemática é claro, quais as ligações mais fundamentais entre três de suas obras, seus dois comentários ao *De Interpretatione* de Aristóteles e sua *Consolação da Filosofia*, e, de forma bastante resumida evidentemente, como o alcance do pensamento contido nessas obras chega até pelo menos a filosofia kantiana. (resumo do autor)

122 PLOTINO. Sobre a saída (I, 9 [16]). Tradução e notas: Fernando Eduardo de Barros Rey Puente. In: Puente, F. E. B. R. (Org). **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 63-65.

123 PLOTINO. **Enéada III.8 [30]**: Sobre a natureza, a contemplação e o Uno. Introdução, tradução e comentário: José Carlos Baracat Júnior. Campinas: UNICAMP, 2008. 192 p. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de Campinas, 2002.

124 REALE, Giovanni. **Plotino e neoplatonismo**: história da filosofia grega e romana, 8. Tradução Henrique Claudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2008. Tradução de Storia della filosofia greca e romana. Vol. 8: Plotino e il neoplatonismo pagano. Milano: Bompiani, 2004.

Expõe de maneira clara e concisa a gênese do neoplatonismo, desde a Escola de Amônio em Alexandria até a Escola de Plotino em Roma, na qual se dá a retomada e a conclusão da "segunda navegação" platônica. O sistema de Plotino é exaustivamente explorado a partir dos seus fundamentos e da sua estrutura, com especial atenção à natureza e à originalidade da metafísica plotiniana. Os desenvolvimentos posteriores do neoplatonismo até o seu esgotamento são apresentados tanto a partir dos discípulos imediatos de Plotino, Amélio e Porfírio, nas versões de Jâmblico e da Escola siríaca, na Escola de Pérgamo, assim como na renovada

síntese de Proclo e da Escola de Atenas e na segunda Escola neoplatônica de Alexandria. O volume se conclui com uma sintética exposição sobre a sorte dos neoplatônicos da Escola de Atenas após o edito de Justiniano. (resumo da contracapa)

125 SAVIAN FILHO, Juvenal. Estranhamento do mundo, cosmologia e ética: em torno de uma poesia de Boécio. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 12-18 jan./abr. 2008. ISSN 1984-8234. Disponível em:
<http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_filosofia/vol9n1/12a18_art02_savian%5Brev_ok%5D.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010.

Visa-se, a partir de um estudo da poesia 5 no conjunto do livro IV da *Consolação da Filosofia* de Boécio, mostrar como ele supõe uma correspondência direta, quase natural, entre ontologia, ética e cosmologia. (resumo do autor)

126 SAVIAN FILHO, Juvenal. **Metafísica do ser em Boécio**. São Paulo: Loyola, 2008. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2005.

Busca interpretar a metafísica de Boécio a partir das posições semânticas por ele estabelecidas ao longo de suas obras anteriores ao *De hebdomadibus*, por uma rigorosa análise da estrutura interna dessa obra, pela investigação das principais posições semânticas do autor quanto aos componentes do discurso e, finalmente, pelo cotejo entre as obras nas quais ele estabelece seu vocabulário metafísico. (resumo da editora)

127 ULLMANN, Reinhold Aloysio. Plotino. In: PECORARO, Rossano (Org.). **Os filósofos clássicos da filosofia: de Sócrates a Rousseau**, 1. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 86-104.

128 ULLMANN, Reinhold Aloysio. Plotino e os gnósticos. In: Oliveira, Terezinha (Org.). **Antiguidade e medievo: olhares histórico-filosóficos da educação**. Maringá: EDUEM, 2008. p. 97-117.

2009

129 BAUCHWITZ, Oscar Federico; BEZERRA, Cícero Cunha (Org.). **Imagem e silêncio: atas do I Simpósio Ibero-Americano de Estudos Neoplatônicos**, tomo 1: do neoplatonismo pagão ao neoplatonismo cristão. Natal: EDUFRRN, 2009. 500 p. (Coleção Metafísica).

A obra Imagem e Silêncio, dividida em dois tomos, é composta de trabalhos apresentados no *I Simpósio Ibero-americano de Estudos Neoplatônicos*, realizado em 2007 em Natal. Este primeiro livro reúne trabalhos em torno do neoplatonismo antigo e medieval

relacionados a Plotino, Proclo, Agostinho, Pseudo-Dionísio, Areopagita, Filo de Alexandria, Gregório de Nissa, Eriúgena, Mestre Eckhart, Nicolau de Cusa, Rumi, Al Farabi, Joaquim de Fiori, Hildelgard Von Bingen e Pseudo-Aristóteles.

130 BRANDÃO, Bernardo Guadalupe Lins. A união da alma com o Um na filosofia de Plotino. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 36, n. 114, p. 87-105, 2009. ISSN: 2176-9389. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/96>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

Esse artigo é uma tentativa de análise da doutrina plotiniana da união mística da alma com o Um. Em primeiro lugar, mostramos que algumas palavras que foram interpretadas pela tradição como descrições da experiência mística, como êxtase e presença são, na verdade, usadas nas *Enéadas* para expressar algumas idéias metafísicas. Então, estudamos a relação entre a alma e o Intelecto durante a união mística: por que é necessário para a alma alcançar primeiro a união com o Intelecto para se unir ao Um? Depois disso, analisamos algumas imagens importantes: coincidência de centros, parentesco e semelhança. Por fim, tentamos realizar uma interpretação da controversa questão da identidade entre a alma e o Um durante a união mística. (resumo do autor)

131 CASTANHEIRA, Carolina Parizzi. **De institutione musica**: livro 1. Tradução e comentários do livro 1 obra de Boécio, *De institutione musica*. 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

Este trabalho apresenta uma tradução comentada do livro 1 de *De institutione musica*, de Boécio, obra que concentra várias teorias musicais da antiguidade e que foi o principal (e praticamente o único) texto usado nos estudos de música ao longo da Idade Média. A escolha do livro 1 deve-se ao fato deste ser uma síntese de todo o tratado, formando uma introdução independente da disciplina, que pode ser estudada isoladamente. A tradução, a primeira da obra em Língua Portuguesa, é acompanhada de notas explicativas e de um estudo introdutório, que tornaram possível uma melhor compreensão das idéias apresentadas no texto. Principalmente, ajuda a identificar as teorias que o fundamentam (teorias harmônicas aristoxênicas e, acima de tudo, pitagóricas; teorias acústicas; teoria do éthos musical), as fontes que lhe serviram de base (essencialmente, Nicômaco e Ptolomeu) e as suas influências no pensamento musical do ocidente. (resumo do autor)

132 COELHO, Cléber Duarte. **A antropologia como itinerário para a felicidade no De consolatione philosophiae de Boécio**. 2009. 150 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em:

<http://www.tede.ufsc.br/tesesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1469>. Acesso em: 13 out. 2010.

Esta tese objetiva demonstrar o itinerário percorrido por Boécio no *De Consolatione Philosophiae* rumo à consolação e à vida feliz. Defendemos que, na referida obra, a antropologia se apresenta como *conditio sine qua non* para os fundamentos da ética, para a possibilidade da vida feliz. Analisa-se a definição antropológica e a definição de felicidade estabelecida por Boécio, bem como a relação do homem com os bens da fortuna. O modo como o homem pode conduzir-se à vida feliz, tendo como base os pressupostos antropológicos para se alcançar essa felicidade. Investiga-se, também, a definição boeciana no que se refere ao problema do mal, fazendo um breve paralelo com o referido problema na teoria de Santo Agostinho. Por fim, relacionamos o pensamento de Boécio com o estoicismo romano de Sêneca, visando demonstrar a influência estoíca no pensamento do sábio romano. Esta tese, no entanto, não tem a pretensão de comparar Boécio com Agostinho ou Sêneca, muito menos expor e/ou exaurir as diversas influências encontradas no *De Consolatione Philosophiae*. Visa-se, sim, analisar a obra por si mesma, demonstrando que a antropologia no *De Consolatione Philosophiae* é o alicerce do consolo buscado por Boécio, pois, sem o reconhecimento da própria natureza e a ação conforme a mesma, não se consegue retornar à verdadeira pátria, muito menos encontrar a felicidade.

133 COELHO, Cleber Duarte. Boécio leitor de Aristóteles: uma ética eudaimonista. *Peri*, Florianópolis, v. 01, n. 01, p. 50-56, maio 2009. ISSN 2175-1811. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/viewFile/21/7>>. Acesso em: 15 out. 2010.

Este artigo pretende investigar a noção de felicidade no *De Consolatione Philosophiae* de Boécio. Num primeiro momento, demonstramos a partir da presente obra o que a felicidade não é. Ao se dar conta de onde a felicidade não está, Boécio então é levado ao reconhecimento da autêntica felicidade, isenta de males e perturbações: completa. Também estabelecemos um paralelo comparativo com o livro I da *Ética a Nicômacos* de Aristóteles, uma vez que Boécio demonstra-se aristotélico em sua argumentação sobre a felicidade, seguindo o paradigma estagirita de uma ética eudaimonista. (resumo do autor)

134 FERREIRA, Elisa Franca e. **O homem, a alma e o vivente:** a definição do homem nas *Enéadas* de Plotino. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ARBZ-84ZN5X/1/disserta__o_completa.pdf>. Acesso em: 2 set. 2010.

O objetivo desta dissertação é discutir a definição do homem nas *Enéadas* de Plotino. A pesquisa aborda alguns aspectos da alma individual que se mostraram importantes como pressupostos. Tentamos compreender a descida da alma aos corpos e analisamos a alma que sempre permanece no inteligível, separada. Para tanto, esclarecemos a unidade e a divisibilidade da alma, bem como o direcionamento de suas potências, daquelas que se voltam para o corpo e das que se mantêm no alto. Assim, o homem é examinado considerando a união e a separação da alma e do corpo. O trabalho prossegue investigando a articulação do homem com a alma, por meio da discussão da identidade do homem sensível e a alma sensível e o lógos, e do homem racional e a alma racional e o lógos, e com o Intelecto, pelo âmbito da Forma. Quanto à articulação com o sensível e o corpo, o intuito é esclarecer as distinções entre o homem e o vivente ou conjunto da imagem da alma e o corpo, compreendendo a atribuição das afecções. Buscando a definição do homem a partir do critério do inteligível e do sensível, mostramos que, sob a perspectiva do Intelecto, ele é a Forma, sob a da alma, alma e lógos, sob a do corpo, ele não o é, nem é o vivente, ao qual se tribuem as afecções. Desse modo, ao oferecer uma leitura de partes do texto plotiniano para a discussão do tema proposto, este estudo pretende elucidar algumas dificuldades decorrentes da definição do homem. (resumo do autor)

135 MALUF, Lilian Chaves. **Daniel no Antro das ninfas**: um estudo sobre o desafio de Porfírio ao status profético das revelações daniélicas e sobre a réplica de Jerônimo. 2009. 164 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://bdt.d.bce.unb.br/tesedimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=520>. Acesso em: 2 set. 2010.

Esta dissertação dedica-se às relações entre o livro de Daniel (*Dn*), composto até a década de 160 a.C., e duas interpretações conflitantes que, sobre ele, foram feitas posteriormente: uma, presumivelmente em meados do século III, pelo filósofo Porfírio de Tiro (233-305/310 d.C.) e outra por Jerônimo da Dalmácia (347-420 d.C.), em 407 d.C.. Os diálogos entre *Dn*, Jerônimo e Porfírio apresentam densas controvérsias em razão, sobretudo, da importância de *Dn* para advento e organização ideológica do cristianismo. Com a apropriação cristã do texto, originalmente composto em círculos judaicos, a religião nascente encontrou fundamento para justificar princípios-chave de sua orientação espiritual. Porfírio notou a importância de *Dn* para o embasamento da religião cristã e usou-o como pano de fundo de um conflito muito além do contexto do livro, em seu tratado (posteriormente) intitulado *Contra os Cristãos*, o primeiro texto a apontar a natureza pseudépígrafa de *Dn* e o caráter lendário do herói bíblico. Jerônimo, em réplica a Porfírio, contesta os argumentos de seu adversário em seu *Comentário a Daniel*, em defesa do cristianismo. O que este estudo investiga é: o que pretendeu Porfírio, não sendo antipático

aos judeus, nem duvidando do caráter revelado das profecias judaicas em geral ou tampouco detestando os volteios e as abstrações permitidas a uma leitura alegórica de um documento, ao aplicar em sua exegese de *Dn* uma metodologia que contrasta com a utilizada em seus mais tradicionais comentários a textos antigos? (resumo do autor)

136 MARSOLA, Mauricio Pagotto. De Parmênides ao *Parmênides* e retorno: um aspecto da exegese plotiniana (*V 1 [10] 8, 1-27*). In: TAORMINA, D. P. (Org.). **L'essere del pensiero Saggi sulla filosofia di Plotino**. Napoli: Bibliopolis, 2009, p. 221-246.

137 OLIVEIRA, Paulo César Lage de. **A metáfora do espelho: o múltiplo como imagem do Uno em Plotino**. 2009. 287 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

O objetivo deste trabalho é o de examinar o múltiplo sensível em sua condição de imagem nos seres inteligíveis, na perspectiva do tratado *III, 6 (26)*. A ontologia da imagem deve ser considerada como a solução plotiniana para a questão do múltiplo, porém traz consigo inúmeros problemas metafísicos, como o da produção da imagem, o da justificação de sua possibilidade de existência e do modo de sua relação com os seus arquétipos. O tratado *III, 6 (26)* examina extensamente o estatuto do múltiplo sensível, porém sob o ponto de vista original da tese da impassibilidade da matéria, não enunciada em qualquer outro tratado. A matéria é considerada como receptáculo das imagens das formas inteligíveis, mas em razão de sua impassibilidade, jamais se deixa afetar por essas imagens, e isto acarreta dificuldades para a determinação de sua condição ontológica. A nossa pesquisa indica que o tratado *III, 6 (26)* busca demonstrar em toda a sua amplitude a inconsistência ontológica das imagens sensíveis ou dos seres corpóreos, análogos em seu estatuto às imagens de um sonho ou projetadas em meios transparentes e impassíveis como a água, o espelho ou mesmo o vazio. (resumo do autor)

138 PINHEIRO, Marcus Reis. Plotino, exegeta de Platão e Parmênides. In: SANTORO, F.; CAIRUS, H.; RIBEIRO, T. (Org.). **Acerca do Poema de Parmênides**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009, p. 175 -184.

139 SCHIOCHETT, Daniel. O tempo na terceira *Enéada* de Plotino. *Peri*, Florianópolis, v. 01, n. 01, p. 11-20, maio 2009. ISSN 2175-1811. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/viewFile/31/4>>. Acesso em: 15 out. 2010.

Plotino é conhecido pela doutrina das três hipóstases: o Uno, a Inteligência e a Alma. Enquanto neoplatônico, sua doutrina é pensada a partir da visão platônica do mundo. Todavia, na terceira *Enéada* o filósofo se põe a discutir longamente a concepção antiga do tempo, fortemente devedora da doutrina aristotélica.

Plotino, ao seu modo, consegue reinterpretar e adequar a noção aristotélica do tempo à concepção de mundo platônica. O tempo, para Plotino, por um lado, permanece referido ao movimento, concordando com Aristóteles, e por outro, é imagem de uma outra forma mais perfeita, a eternidade, concordando com a divisão do mundo em sensível e supra-sensível de Platão. Por conseguir compreender o tempo a partir desses dois registros, o platônico e o aristotélico, Plotino figura como um ponto importante para se compreender as teorias do tempo que vieram depois dele, principalmente a de Santo Agostinho. Nosso ensaio pretende discutir a noção de tempo em Plotino, a partir da terceira *Enéada*, a fim de fornecer instrumentos para tal compreensão.

140 VIEIRA NETO, Ivan. Aspectos do sagrado: uma teologia do paganismo no *De Mysteriis Aegyptiorum* de Jâmblico de Cálcis. In: VICENTE, J. J. N. B.; CAMPOS, R. C. (Org.). **A história escrita: possibilidades de construção da pesquisa historiográfica**. Goiânia: Editora Vieira, 2009. p. 129-150.

141 VIEIRA NETO, Ivan. O êxtase neoplatônico: a experiência do sagrado na filosofia tardo-antiga. **Chrônidas**, Goiânia, v. 1, n. 3, p. 112-122, abr. 2009. ISSN : 1984-266X. Disponível em: <<http://www.revistachronidas.com.br/arq/edicao3/RCA01N03.ABR2009.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2010.

Neste artigo pretendemos abordar as concepções neoplatônicas sobre o hénôsis, ou êxtase, a união mística entre homem e divindade que estava reservada aos filósofos que se destacassem na sua vida ascética (segundo Plotino) ou que soubessem conduzir o ritual teúrgico com maestria (de acordo com Jâmblico). Nossa análise estará restrita a essa experiência sagrada que, como proposto por esses filósofos, era possível àqueles homens que se empenhassem, na filosofia ou na magia, por alcançar esse favor das divindades e ascender acima do mundo humano. (resumo do autor).

2010

142 BAL, Gabriela. **Em busca do não-lugar: a linguagem mística de Plotino, Jâmblico e Damásio à luz do *Parmênides* de Platão**. 2010. 196 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

Esta tese de doutorado busca encontrar o “Não-lugar”, ponto de partida e de chegada a partir do qual escreveram os filósofos neoplatônicos Plotino, Jâmblico e Damásio, ao se depararem com a Presença Inefável Daquele que nos atrai com seu Silêncio e que, ao invés de se calarem, tornam-se loquazes indicadores do que se esconde por trás do que é dito e que linguagem alguma consegue contemplar sem trair a si própria. Começaremos por investigar, na primeira parte do estudo, a linguagem catafática e apofática de

Plotino (1º e 2º capítulos, respectivamente) a partir de uma exegese do Parmênides de Platão, especialmente a primeira hipótese. A partir do Um de Plotino vislumbraremos o aspecto “enigmático” da linguagem mística até entendermos, com Plotino, tratar-se de outra maneira de ver aquela de quem contempla o mais alto e que a linguagem mística alude através de recursos gramaticais, tais como os advérbios de lugar e superlativos, e que se concretizam através da linguagem do Amor, cuja brecha abre fendas por meio das quais nos comunicamos, o que é possível por meio de imagens, metáforas e analogias até sermos forçados a utilizar a linguagem negativa, apofática e afairética. O *Parmênides* de Platão, como divisor de águas, aproximou – à distância – as perspectivas de nossos interlocutores tecendo uma trama invisível, a mesma que vislumbrávamos existir desde o início, mas que desconhecíamos o nome, que veio a se revelar a nós de modo simples e instantâneo, porque estava ali presente, em cada um deles, à sua maneira. Na segunda parte deste estudo trabalharemos a linguagem da Transcendência. A maneira muito particular como cada um deles desenvolveu um corpo filosófico próprio, a partir das hipóteses do Parmênides, revela aquilo mesmo que o diálogo pretende suscitar: o percurso ascético tanto do discípulo (para Plotino) quanto do peregrino (para Jâmblico). Em seu limite, a *aporía* realiza, no discurso de Damásio (3º capítulo), uma inversão, por meio da qual a linguagem se contorce e inverte até a mais completa exaustão quando, abandonando tudo que havíamos agregado ao pensar, nos encontramos sós e diante de nosso nada. Sem mais nada, diante do abismo, neste “instante”, arremessados adiante porque ainda não havíamos encontrado o “Não-lugar” encontramos Jâmblico (4º capítulo), que nos brinda com a possibilidade de retorno, não mais através de nossos esforços, mas, inspirado pelos *Oráculos Caldáicos*, na teurgia como complemento da filosofia e não em oposição à mesma, tendo ido até o extremo em que esta pode nos conduzir, no diálogo com o *Parmênides* de Platão, promove uma mudança do paradigma parmenidiano de Platão, revelando aquilo que lhe coube trazer à luz e que estava antes encoberto, o que só o instante pode revelar. (resumo do autor)

143 MARQUES, Rudinei dos Santos. **A convergência ao Uno no contexto das *Enéadas***. 2010. 84 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2492>. Acesso em: 9 set. 2010.

Este trabalho tem como objetivo investigar, a partir das *Enéadas*, o que são e como se articulam os dois momentos da filosofia plotiniana, processão e retorno, analisando o processo dedutivo a partir do qual o Uno se faz múltiplo, os três caminhos ascensionais que reconduzem da multiplicidade à unidade, bem como a importância do autoconhecimento para o caminho de retorno,

ênfatizando que o sistema de Plotino, forjado a partir da filosofia precedente e de sua própria experiênça existencial, tem como propósito central a reunificação com o Uno. (resumo do autor)

144 MORAES, Emmanuel Victor Hugo. **O silêncio de Eros: amor e olhar em Plotino.** 2010. 78 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2010.

O objetivo desta dissertação é apresentar as relações entre amor e olhar no pensamento de Plotino. A filosofia de Plotino edifica-se sobre dois fundamentos: a processão e a conversão. O primeiro trata da origem de toda a realidade a partir de um princípio simples e absoluto chamado Um, isto é, a passagem do Um ao múltiplo. O segundo, do retorno de todas as coisas a sua origem, ou seja, a passagem do múltiplo ao Um. Do lado da processão, o amor surge como mola propulsora para o derramamento originário da superabundância do Um, que, sendo livre por ser o que é e como é, não cabe em si mesmo e, em sua autocontemplação, transborda e dá origem a uma indeterminação que, ao olhar para o Um, contempla-o, enamora-se por ele e torna-se realidade e vida, Ser e Intellecto. Do lado da conversão, o amor apresenta-se como privilegiado fio condutor ao Um, Bem absoluto e anseio supremo de toda alma, possibilitando o retorno de todas as coisas a seu princípio. No movimento de vir do Um ao múltiplo, o amor aparece ligado ao olhar contemplativo que o próprio Um exerce sobre si mesmo e também à necessária contemplação que aquilo que surge do Um dirige a ele, a fim de que possa tornar-se realidade e vida. A relação entre amor e olhar aparece também no movimento contrário, que vai do múltiplo ao Um: a visão do belo recorda a alma de sua origem divina, despertando nela desejo e amor pela beleza suprema e pela fonte da própria beleza, o Um-Bem. (resumo do autor)

145 PINHEIRO, Marcus Reis. A cena de enunciação no tratado *Sobre o Belo* de Plotino. In: BAUCHWITZ, O. F.; BEZERRA, C. C. **Imagem e silêncio: do neoplatonismo pagão ao neoplatonismo cristão.** Natal: Edufrn, 2010. p. 61-80.

146 PLOTINO. **Enéada II: a organização do cosmo.** Introdução, tradução e notas de João Lupi. Petrópolis, Vozes, 2010. Tradução do texto grego estabelecido por Henry & Schwyzer.

Ao expor suas ideias, e redigir os escritos, Plotino não separava completamente os assuntos; por isso, apesar da organização de Porfírio, muitos temas aparecem em diversos passos da obra, e o conjunto não é perfeitamente ordenado. Contudo, se aplicarmos às *Enéadas* um esquema comum na época: Deus – o mundo físico – os seres racionais, vemos que Plotino começa, na primeira *Enéada*, por discutir a felicidade dentro de um contexto claramente antropológico:

vida, alma, beleza, mal, grandes questões que são relevantes para a concepção de ser humano, e, portanto, interessam ao conceito de felicidade. A segunda *Enéada* trata exclusivamente do mundo físico e da matéria: como é que o mundo está construído e composto, e por que as doutrinas dos gnósticos e as dos astrólogos não respondem de modo coerente às interrogações sobre o universo. Na terceira continua o tema do cosmo, sua relação com Deus, sua espiritualidade, e a compreensão da finitude, na relação com o corpo, com a Alma universal e com as outras almas. Considerada assim a relação entre o ser humano e o universo, Plotino passa na quinta *Enéada* ao estudo das realidades superiores e permanentes: a Alma, a Inteligência e o Uno: como se devem entender as relações entre elas, substâncias primárias, e delas com o bem, o belo e a alma humana. Na sexta procura alcançar o máximo de entendimento do ser primeiro em si mesmo, que se pode conhecer através do mundo e da alma. Pela contemplação e pelas analogias a alma pode chegar à felicidade mística através da vivência do Bem, do Uno e da Vida. (resumo da contracapa)

Índices

Índice por autores contemporâneos

ALBUQUERQUE, Érika Felipe de, 070
BAL, Gabriela, 060, 076, 091, 142
BALTES, Matthias, 061
BARACAT JÚNIOR, José Carlos, 052, 092
BERGSON, Henri, 077
BAUCHWITZ, Oscar Federico (Org.), 041, 051, 062, 089, 105, 129, 145
BEZERRA, Cícero Cunha, 071, 087
BEZERRA, Cícero Cunha, (Org.) 129, 145
BRANDÃO, Bernardo Guadalupe Lins, 093, 094, 095, 112, 130
BRISSON, Luc, 096
BRUN, Jean, 006
CAIRUS, Henrique (Org.), 138
CHAIMOVICH, Felipe Soeiro, 017
CHAVES, Julio Cesar Dias, 097
CIRNE-LIMA, Carlos, 053
COELHO, Cléber Duarte, 072, 132, 133
COSTA, Elcias Ferreira da, 098
COSTA, Marcos Roberto Nunes, 025, 042, 043
COSTA, Marcos Roberto Nunes (Org.), 074
CUNHA, Maria Helena Ribeiro, 002
DE BONI, Luiz Alberto (Org.), 040, 074
DIAS, Arnaldo de Pinho, 001
ERLER, Michael, 063
ERLER, Michael (Org.), 061, 063, 064
FERREIRA, Elisa Franca e, 073, 134
GALINDO, Caetano Waldrigues, 035
GALLEGO, Roberto de Almeida, 088
GOLLNICK, Silvania, 078
GOMES, Joaquim Ferreira, 003
GRAESER, Andréas (Org.), 061, 063, 064
HARLAND, Michael, 004, 005
HRYNIEWICZ, Severo, 018
LACROSSE, Joachim, 114
LUPI, João Eduardo Pinto Bastos, 044, 054, 113
MACEDO, José Costa, 008
MACEDO, Monalisa Carrilho (Org.), 089, 105

MALUF, Lilian Chaves, 115, 135
MARQUES, Luis César, 079
MARQUES, Rudinei dos Santos, 143
MARSOLA, Mauricio Pagotto, 080, 099, 116, 136
MORAES, Emmanuel Victor Hugo, 100, 144
NOGUEIRA, Maria Simone Marinho *ver* NOGUEIRA, Maria Simone Cabral Marinho
NOGUEIRA, Maria Simone Cabral Marinho, 022, 026, 036, 055, 074
O'MEARA, Dominic J., 064
OLIVEIRA, Loraine, 019, 065, 081, 096, 101, 102, 103, 117, 118, 119, 120
OLIVEIRA, Paulo César Lage de, 090, 137
OLIVEIRA, Terezinha (Org.), 128
PARENTE, Margherita Isnardi, 082
PECORARO, Rossano (Org.), 127
PIAUI, William de Siqueira, 104, 121
PINHEIRO, Marcus Reis, 105, 106, 107, 138, 145
PUENTE, Fernando Eduardo de Barros Rey, 057
PUENTE, Fernando Eduardo de Barros Rey (Org.), 122
RAFFAELLI, Rafael, 058
REALE, Giovanni, 124
REIS, José, 020, 045
RIBEIRO, T. (Org.), 138
SANTOPRETE, Luciana Gabriela Soares *ver* SOARES, Luciana Gabriela Eiras Coelho
SANTORO, Fernando (Org.), 138
SANTOS, Bento Silva, 046, 068, 083
SANTOS, Jorge Augusto Silva *ver* SANTOS, Bento Silva
SAVIAN FILHO, Juvenal, 069, 084, 085, 125, 126
SCANTIMBURGO, João de, 007
SCHIOCHETT, Daniel, 139
SECCO, Frederico Schwerin, 110
SOARES Luciana Gabriela Eiras Coelho, 039
SOUZA, D. G. (Org.), 053, 054, 057
SPINELLI, Miguel, 028
STEIN, Ernildo (Org.), 075
STROGULSKI, Zuleika, 109, 110
SULIANI, Antônio (Org.), 048
TAORMINA, D. P. (Org.), 136
TER REEGEN, Jan Gerard Joseph, 047
ULLMANN, Reinholdo Aloysio, 009, 010, 011, 013, 014, 015, 016, 021, 023, 024, 029, 030, 031, 032, 033, 040, 048, 049, 050, 051, 059, 075, 127, 128
VIEIRA NETO, Ivan, 111, 140, 141

Índice por tradutores

BARACAT JUNIOR, José Carlos, 034, 086, 123
CAMILOTTO, João Batista, 038
CASTANHEIRA, Carolina Parizzi, 131
COLAÇO, José Freire, 006
FERREIRA, Elisa Franca e, 114
LUPI, João, 146
MARTINS, José Francisco Espadeiro, 082
MOURÃO-FERREIRA, David, 067
PERINE, Marcelo, 124
PRADO NETO, Bento, 077
PUENTE, Fernando Eduardo de Barros Rey, 122
SANTOPRETE, Luciana Gabriela Soares *ver* SOARES, Luciana Gabriela Eiras Coelho
SANTOS, Bento Silva, 056
SANTOS, Jorge Augusto Silva *ver* SANTOS, Bento Silva
SAVIAN FILHO, Juvenal, 037
SCHNEIDER, Nélío, 061, 063, 064
SOARES, Luciana Gabriela Eiras Coelho, 027, 066
SOMMERMAN, Américo, 108
VAZ, Henrique Claudio de Lima, 124

Índice por autores antigos

Boécio, 012, 037, 061, 068, 069, 070, 072, 084, 085, 098, 104, 121, 125, 126, 131, 132, 133
Damáscio, 142
Jâmblico, 111, 140, 141, 142
Plotino, 004, 005, 006, 007, 008, 009, 010, 011, 013, 014, 015, 016, 017, 018, 019, 020, 021, 022, 023, 024, 025, 026, 027, 029, 030, 031, 032, 033, 034, 035, 036, 039, 040, 043, 044, 045, 046, 048, 049, 050, 051, 052, 053, 054, 055, 057, 058, 059, 060, 064, 065, 066, 074, 075, 076, 077, 078, 079, 080, 081, 082, 086, 087, 088, 090, 091, 092, 093, 094, 095, 096, 099, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 127, 128, 130, 134, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146
Porfírio, 001, 003, 056, 083, 086, 114, 115, 117, 135
Proclo, 047, 063, 067, 071, 087
Sinésio de Cirene, 038

Índice por assuntos

Alma, 019, 025, 027, 036, 039, 057, 058, 060, 064, 076, 088, 093, 112, 130, 134
Amor, 100, 144
Apocalíptica, 097
Aristóteles, 028, 056, 084, 104, 133
Arte, 065, 092, 106
Ascese, 076
Autosalvação, 018
Beleza *ver* Belo
Beleza inteligível, 027, 039, 066
Belo, 017, 018, 022, 039, 046, 054, 081, 100, 106, 120, 145
Bem supremo, 012
Ceticismo, 099
Conhecimento, 024, 040, 078,
Contemplação, 034, 040, 052, 076, 091, 100, 123
Cosmo *ver* cosmologia
Cosmologia, 025, 044, 105, 125, 146
Cristianismo, 006, 031, 032
Deus, 030, 037, 048, 049, 070, 085, 104
Dialética, 102
Dionísio, 074
Divinação, 105
Escatologia, 013, 029
Espírito, 109, 110
Estética, 017, 046, 100, 106
Ética, 018, 023, 085, 125, 132
Experiência mística *ver* Mística
Felicidade, 070, 085, 132
Forma, 019, 134
Gnose, 097
Gnosticismo, 016, 033, 088, 128
Homem, 134
Imagem, 058, 129
Intelecto, 027, 039, 060, 076, 078, 093, 095, 096, 099, 112, 130, 134
Inteligência, 019, 025,
Interioridade, 090
Linguagem, 055
Lógica, 102
Maniqueísmo, 042
Metafísica, 063, 084, 126
Mística, 006, 009, 026, 055, 094, 095, 096, 111, 112, 130, 142
Mito, 101, 117, 118, 119, 120

Moral, 043
Múltiplo, 025, 053, 081, 137
Mundo, 050, 075, 125
Mundo sensível, 019
Musas, 120
Natureza, 034, 123
Nihilismo, 062
Número, 054
Olhar, 144
Ontologia, 078, 125
Paganismo, 009, 140
Panenteísmo, 009
Parmênides, 107, 136, 138
Platão, 017, 029, 071, 080, 107, 138, 142
Processão, 010, 014, 019
Purificação, 116
Razão, 101
Saber ver Conhecimento
Sagrado, 008, 140, 141
Saída, 122
Santo Agostinho, 008, 035, 042
São Tomás de Aquino, 098
Ser, 126
Silêncio, 055, 060, 091, 129
Só, 080, 095
Sócrates, 072
Soteriologia, 088
Tempo, 020, 035, 045, 057, 101, 139
Teologia, 047
Transcendência, 073, 090
Um *ver* Uno
Universais, 068
Unidade *ver* Uno
Uno, 011, 019, 025, 030, 034, 048, 049, 050, 053, 055, 060, 063, 073, 075, 076, 078, 080, 081, 087, 088, 090, 094, 095, 096, 099, 100, 102, 112, 116, 123, 130, 137, 143